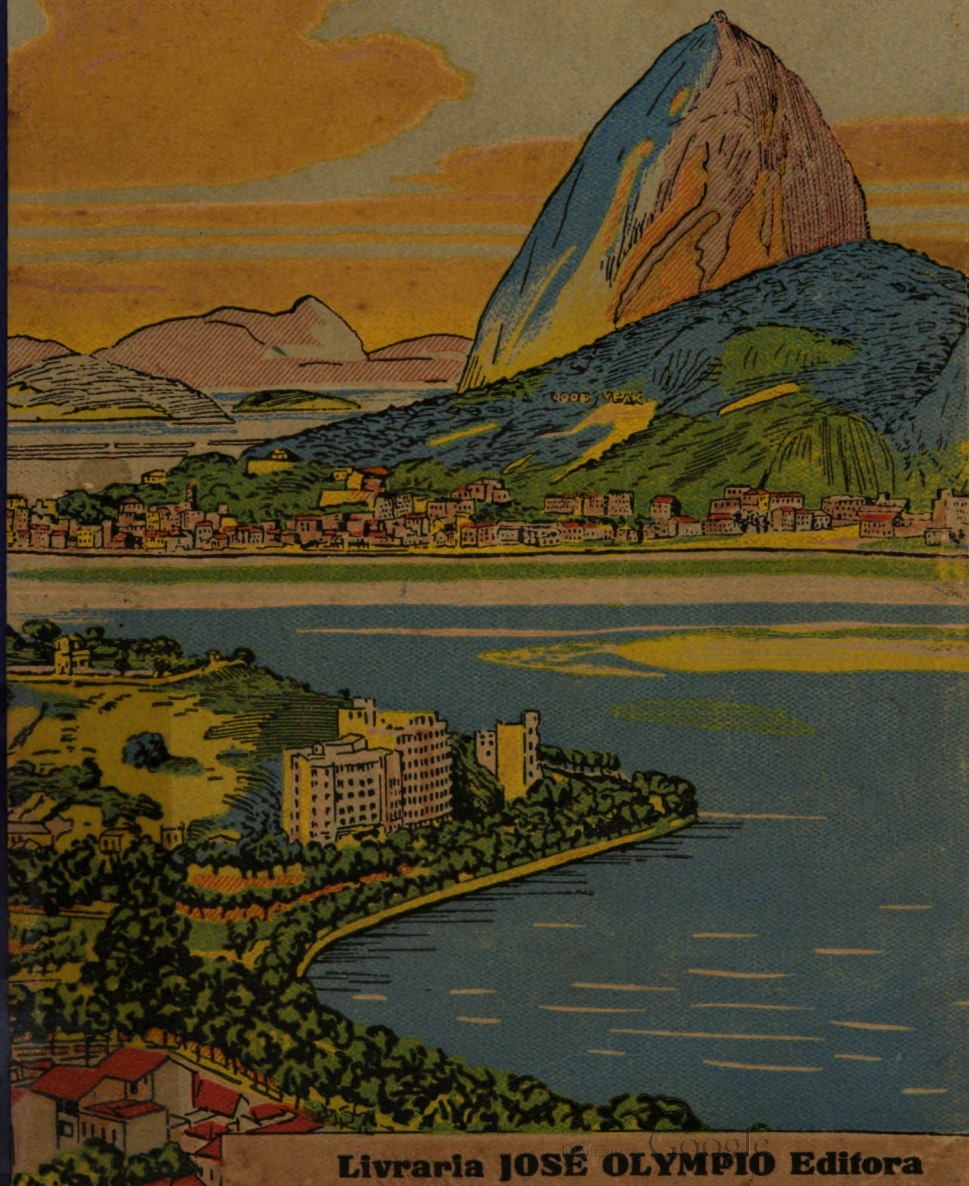


**PLINIO
SALGADO**

GEOGRAPHIA SENTIMENTAL

2ª. Edição



Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - GEN LIBS



3019195690

0 5917 3019195690

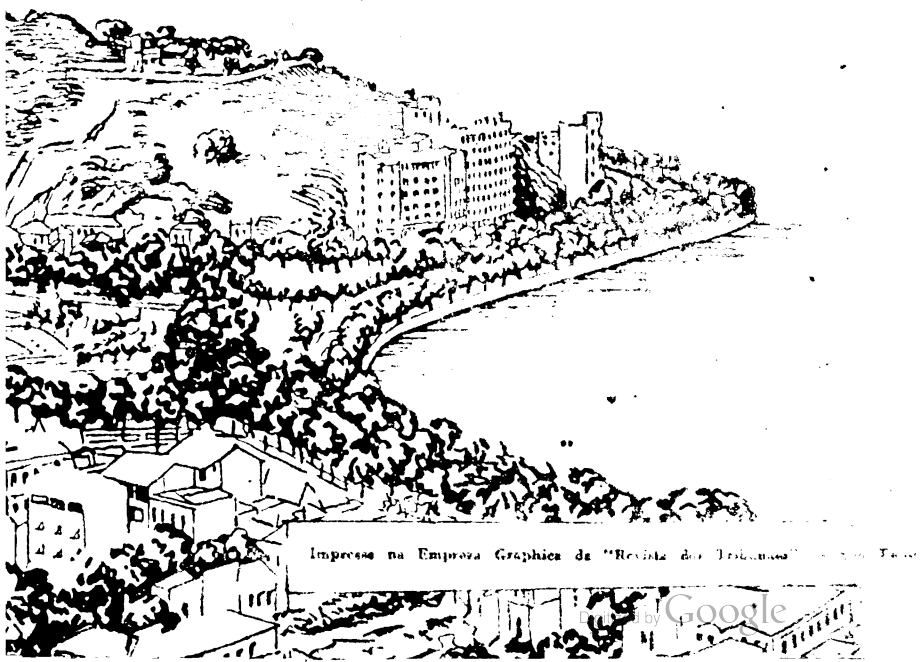
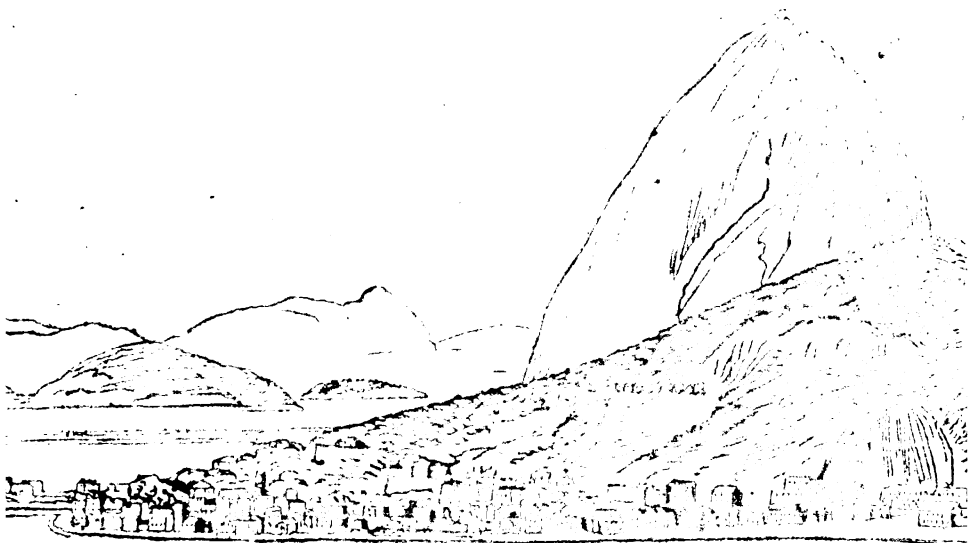


THE
NETTIE LEE BENSON
LATIN AMERICAN COLLECTION
of

The General Libraries
University of Texas
at Austin

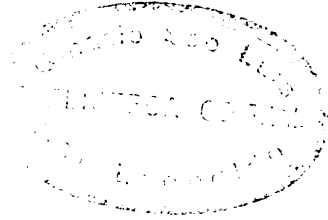
LIBRARY
USE ONLY





Impresso na Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes" - Rio de Janeiro

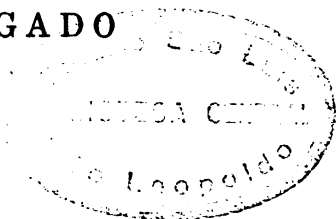
Julio Saura Bello



GEOGRAPHIA

SENTIMENTAL

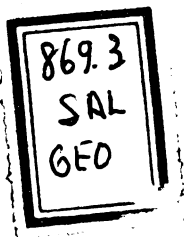
PLINIO SALGADO



GEOGRAPHIA SENTIMENTAL

2.^a EDIÇÃO

*Os desenhos do texto são de Seth
e a capa da "Revista dos Tribunaes".*



1937

Livraria JOSE' OLYMPIO Editora

Rua do Ouvidor, 110 e 1.º de Março, 13

Rio de Janeiro

BIBLIOTECA	
Nº	DATA
4570	8/8/79

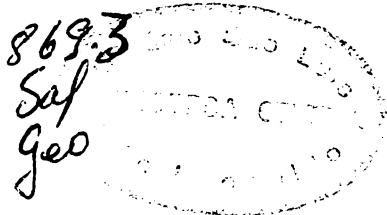
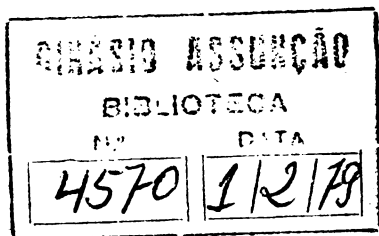
DA 1.^a EDIÇÃO DESTE LIVRO FORAM
TIRADOS, FÓRA DE COMMERCIO, VINTE
EXEMPLARES EM PAPEL REGENTE
LEDGER, NUMERADOS E ASSIGNADOS
PELO AUTOR.

Procedência
COMP. 11

Ginésio São Luís	
BIBLIOTECA	
Nº	DATA
178	5-7-64

A' Carmela, minha mulher.





Brasileiros, venham vê nosso Brasil...

Brasileiros de todas as Províncias, de todos os partidos, de todas as crenças, de todas as cidades, povoados e sertões!

Este livro foi escripto de vagar e com amôr. . .

Puz nelle todo o meu affecto pelo Brasil.

E' a minha impressão da Grande Patria, colhida, desde a infancia.

Esta nação querida não póde ser descripta, para os corações, num relatorio.

A sua geographia deve constituir um poema. A interpretação do sentimento nacional.

* * *

Ha no intimo destas paginas uma força que se levanta.

Com ella foi que ergui as energias do meu Povo.

Esse milagre originou-se de pequeninos pormenores, tão insignificantes e tão grandes, que falaram

em mim, que sublevaram em acção tenaz, todos os meus impetos creadores.

* * *

Quero que este livro seja lido pelos moços para que amem o Brasil e comprehendam a grandeza deste vasto Imperio.

* * *

Eu sei quanto sou discutido; exaltado por uns, odiado por outros, negado e interpretado de mil formas. Porem, no meio de todas as duvidas dos meus contemporaneos, quero lhes offerecer nestas paginas uma certeza: eu amo o Brasil.

Amo porque?

As paginas que seguem foram vividas. Alguem que as lêr, penetrando-as e sentindo-as, deixará de amar nossa Patria?

Brasileiros! Eis o meu poema e o vosso poema. Tomae-o.

* * *

E' um poema simples como a agua e a luz do sol da nossa terra.

Que elle se transmitta aos vossos filhos, netos e bisnetos, como este sentimento brasileiro me veio de meus ancestraes.

Talvez elle preserve da ruina os corações combalidos de scepticismo.

Talvez elle desperte nos que já não acreditarem em nossa Patria, a suave crença antiga, que brotará da evocação dos typos humanos, dos factos, dos episodios, das scenas, das paizagens, que se multiplicam ingenuamente e docemente, pela carta geographica deste immenso paiz.

* * *

Agora, mais do que nunca, é preciso amar o Brasil.

Engrandecel-o, sem artificios; livral-o de todo o veneno da decadencia; salvai-o de toda a desfiguração, que o cosmopolitismo opéra, deprimindo-nos.

Que a vida brasileira seja pura e simples, sem complicações, e que ella resplandeça como um padrão humano de bondade, de affecto, de enthusiasmo e de radiosa poesia!

PLINIO SALGADO



O

Mappa

do

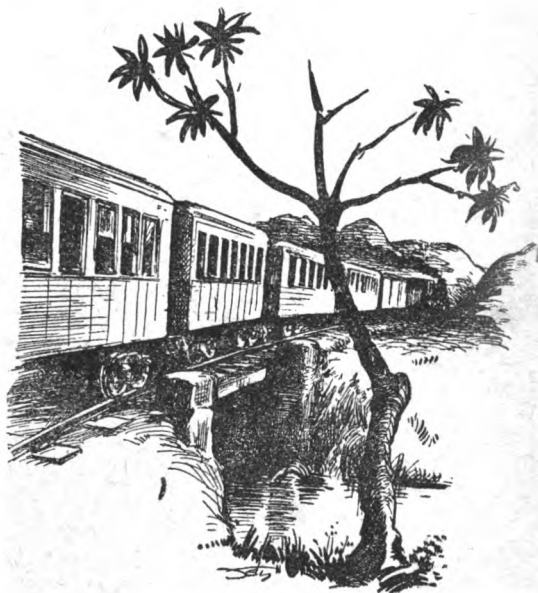
Brasil

Aspecto geral

NOSSA Patria dá sempre uma idéa de viagem. Caminhar para ella, ao acaso. Em qualquer direcção, como quem vai descobrir os segredos do mappa. Amarello, Goyaz; verde, Bahia; Minas côr de rosa e S. Paulo côr de laranja; Amazonas, violeta; Maranhão...

* * *

Vagões empoeirados que vão para os Pampas; estradas largas de tropas, pelas montanhas do Centro e do Norte; barcaças de rodas rodando, arrastadas ao sol, pelos barrancos verdes... Trenzinhos do Nordeste; “jardineiras” e “sopas” nos cha-



Vagões empoeirados que vão para os Pampas...

padões; canôas e remos, e Fords, e carros de bois...

A geographia ensinou-nos que não ha como o Brasil!

Retrato dos rios e das montanhas

Os affluentes do Amazonas? E logo viamos o tropel dos rios. Rio Negro côr de azeitona, misturando-se com o Rio Branco, todo de leite. O Mamoré dava uma impressão de tranquillidade placida com um grito de gavião no alto: **pinhé! pinhé!**

O Tapajós era um rio barbudo, como um rei de cocár. O S. Francisco vae rezando, de burel. O Rio das Contas desenrola o roزاریo...

Lá vai o Araguaya guiando as aguas agüadas, estirando-se ao largo, montado de pirógas da gente morena...

* * *

Depois, falavam das serras: a das Vertentes vertendo; a do Espinhaço, espinhúda; a Mantiqueira de seio materno aberto. E vinham as cidades: Aracaty, Baturité, Crato, Icó, Barbalha... Cida-

des brancas de luz, que o Ceará não tem chapéo de sól...

As sombras gostosas ficavam do lado de Matto Grosso, humedecendo os charcos...

Orgulho nacional

Só mesmo no mappa, Brasil, posso apanhar-te inteiro. Quando menino, impressionavam-me teus rios e montanhas que eu fazia com lapis marron como fileiras de carrapatos.

E gostava de dizer que o maior rio do mundo era o teu, o nosso Amazonas; que a maior cachoeira era a de Paulo Affonso, — dez leguas de distancia, que colosso! a gente escuta botando o ouvido no chão...

Ficava triste porque não podia espichar o Itatiaya até á altura do Everest, ou, pelo menos, dal-o como uma montanha decente de seus quatro ou cinco mil metros... Sentia não termos um vulcãozinho, e consolava-me com a hypothese de que, em outros tempos, já houve um...

A Niagára e o Mississipi ganharam minha grande antipathia, quando aprendi o volume de uma e a extensão do outro. Felizmente, tínhamos o Iguassú.

O Infinito

Serranias, panoramas, terras sem fim.

No sol quente de Agosto, nos tócos negros das queimadas, á beira dos capoeirões, o pequenino “sacy” abria o bico, gritava até ao crepusculo o seu eterno estribilho:

— Sem-fim...

Foi, de certo, escutando o “Sacy” que os Bandeirantes caminharam. E o panorama foi se desdobrando, desdobrando...

Era o mysterio do “sem-fim”...

As imagens da Patria

Toda a minha impressão era physica: asperezas de serras e mormaços de sol. Ondas quebrando-se no litoral infinito, com os gritos dos naufragos das caravellas, o pranto das Moemas e a face queimada dos guerreiros. Jequetibás e perobas, serpentinados de cipós e embiras, com parasitas pendentes das barbas de páo, bromélias, e macacos pendulando...

Grótas frescas, cheirosas, de cahetés, de aguas limpidas e frias; touceiras de caraguatás, com flautas tremidas de juritys...

E, sobre as mattas intrincadas, os pendões verdes dos coqueiros, naquellas attitudes dos flagrantés de Debret, que ficaram encenando e marcando a physionomia lyrica do Segundo Imperio, com praças e parques de palmeiras, casarões de mil janella e as barbas brancas de D. Pedro II...

Consciencia imperial

O brasileiro, em pequenino, tem tarefa demais para suas impressões. A patria, nos outros paizes, é uma coisa feita de tempo; aqui, é toda espaço. Quinhentos annos quasi não é passado para uma Nação. Por isso, nós a comprehendemos no presente, na synthese prodigiosa do nosso paiz.

* * *

Nas Nações mais antigas, a idéa da Patria é uma sequencia de factos no tempo.



...a physionomia lyrica do II Imperio.

No Brasil, essa idéa é uma simultaneidade de factos no Instante.

A alma de um povo

Até á mocidade, nossa terra são montanhas, ilhas, cabos, bahias, rios, florestas, borracha, cacáo, café, maniçoba, cajú, madeiras de lei e bichos do matto.

A geographia humana só se comprehende quando a vida começa a ser vivida. A' ingenuidade das impressões meninas, succede a grande ternura que comprehende essa cartographia mais complexa da vida sentimental e espirital do paiz.

* * *

E, agora, são as cidades, as aldeias, os povoados que nos interessam. Costumes e lendas, cantigas e rézas, as festas, as dansas, os nossos amôres, as nossas morenas, as violas, maxixes, macumbas, catiras, casorios...

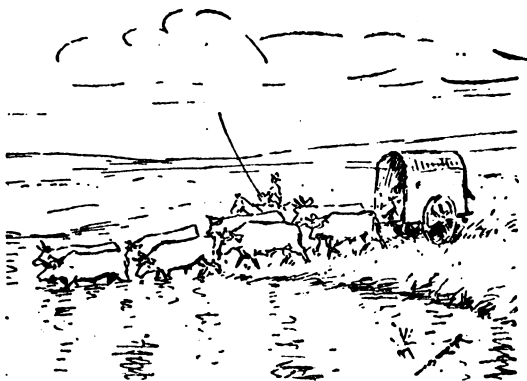
As villas pequenas do sertão, vestidos de chita, cabelleira negra, estradas pintadas de gente domingueira...

Congadas da Bahia e Minas; a dança da ema, no Norte; caiapós e moçambiques, a alegria do tapuyo soltando o Judas na correnteza; os desafios á viola; os sambas, os cangerês, os catiras, os jongos, as cannas-verdes, os mutirões.

Os aboiados longos, no sol das caatingas, as feitiçarias, as festas do Divino e os pleitos eleitoraes.

As luctas do homem com a matta virgem, com a maleita, com a secca, os pantanos do Oeste, onde a sucury digére um boi dormindo e sonhando, de certo, com um grande panorama tropical.

O commercio, peregrinando pelas estradas, nas carretas gaúchas, nas tropas de sincerros, de bestas ruanas de peitoraes de guizo; ou navegando os rios, nos "gaiolas" pachorrentos; ou nas barçaças do Rio S. Francisco; ou correndo nos auto-caminhões, ou rodando nos trilhos, nas vias-ferreas de longo curso, ou nas "estradinhas" de vagões como caixas de phosphoros...



Uma carreta sulina

E as cidades, na ansia de progresso, com futebol e cinema, e o Club Recreativo das exhibições dos ultimos figurinos, nas partidas dansantes dos sabbados e domingos...

E as Capitaes, e as Cidades, e as Villas, extendendo-se as mãos, apurando os ouvidos de umas para as outras, afim de escutar o que o telegrapho conta, o que o radio diz...

Procurando o Brasil...

O espirito de solidariedade brasileira suggere as conclusões mais absurdas. O nortista quer procurar o Brasil, vae para o Sul; o sulista quer procurar o Brasil, vae para o Norte.

O Brasil é tão grande que não se póde pensar nelle sem pensar na estrada de ferro e no navio. O que disse André Harlaire em seu curioso "Mais, non", a respeito do espirito francez, nós podemos falar em relação ao sentimento brasileiro.

Estamos sempre procurando nossa terra.

Porque objectivamos o Brasil, e elle está, entretanto, no fundo de nós mesmos.

Como uma fatalidade humana.

No recolhimento mais intimo, sentimos o paiz dentro do nosso coração, presente no nosso sangue. E' inútil procural-o, como é inutil fugir delle.

Caminhando em qualquer direcção, jamais o encontraremos na sua integralidade absoluta: teremos sempre o detalhe, uma peça a ajustar-se ao todo.

Fugindo da contingencia da Patria, mediante a utopia da abolição das fronteiras, jamais nos livraremos do pesadelo historico, do imperativo ethnico-mesologico.

Porque a Patria, como um mysterio de eucharistia, é o milagre da presença simultanea, da presença irremovivel e fatal.

* * *

Só a intelligencia profunda e instinctiva da criança schematiza o mysterio, sem tentar resolvê-lo: fazendo rios com tinta azul e montanhas com lapis marron, traçando as fronteiras com tinta vermelha e pintando coqueiros primitivos. E formando uma idéa graphica do paiz, e amando nessa figura aquella cousa vaga e incomprehensi-

vel que tem rumores de cachoeiras, gosto de frutas gostosas, mysterio dos bichos no matto e bellezas de historias decoradas de Pedro Alvares Cabral e do Caramurú...

* * *

O nosso grande poema é ainda o mappa do Brasil...



A
minha
terra
é
linda



A minha terra é linda, como não ha igual.

Não pelos rios colossaes, nem pelas florestas gigantes-¹cas, nem pela impo-
nencia do vasto lito-
ral bravio, onde es-
touram as ondas do
mar- atlantico.

A minha terra é linda porque é bôa e suave.
E' linda porque tem recantos amorosos.

* * *

Nenhuma outra emanará mais delicada fra-
gancia á hora em que a luz entenece no cre-
pusculo.

Nem haverá nenhuma que tenha tão comoven-
tes violeiros.



*Esses rudes cabôclos que galopam
a perseguir o gado...*

Esses rudes cabôclos que galopam, sol a pino,
a perseguir o gado;
esses asperos tangedores de tropas e carrea-
dores de carros;
esses brutos, cuja enxada mórde a gléba;

esses remeiros das
grandes caudaes, ou
esses indomitos peões
que cavalgam as ondas
verdes á luz do equa-
dor:

— todos, ao chegar
a hora primeira da
noite, são como a sus-
suarana: amolecem o
coração, magnetizados
pelas estrellas.

* * *

Ha um fremito,
um tremor de ternura
envolvente, por toda
a natureza pensativa;

nas pontas das folhas, que murmuram no halito
da tarde; nas aguas encrespadas, nas aguas
dormentes, que esperam receber no seio escuro as
estrellas divinas; é, desde os igarapés do Norte ás

serras do Centro e ás meigas coxilhas sulinas,
canta uma vóz imponderavel, mysteriosa, que põe
os corações suspensos.

Nas cidades vibram serenatas ao luar.

E' um grupo. Violões, flautas, bandolins.

No ar fino e transparente, perpassam azas im-
palpaveis, azas subteis de saudades doridas, de in-
definidas emoções.

. Uma vóz canta.
Para "alguem" escu-
tar. Alguem, que é
toda a angustia do ma-
landro das favelas, dos
sertanejos dos sertões
perdidos, dos vagabun-
dos sentimentaes e de
tanta gente...



* * *

Gemem as violas *"...indomitos peões que cavalgam as ondas
verdes ao sol do Equador..."*
nos mattos. A cantiga
do cabôclo tem um sentido de distancia.

E' a geographia cantando. Com a monotonia
amorosa das juritys. Com o rythmo dos aboia-
dos e remadas longas nos longos rios interiores...

* * *

Nas favelas das grandes cidades, nos pardos mocambos, nas casas trepadas nos morros, com a chamma esverdeada dos lampeões tristonhos, soluçam bordões. Retinem na sombra pandeiros, palhetas, cochichos dos dedos batendo de manso...

E' o samba que está chorando:

*"quem quebrou meu violão de estimação,
foi ella;
quem fez do meu coração seu barracão,
foi ella!..."*



Tem a melancolia dos fados, o fogo da terra, cadencia de urucungos e de atabaques selvagens.

* * *

Em torno, olhos parados, mulatos, cafusos, vadios sentimentaes...

* * *

Serenatas urbanas, toadas sertanejas, canções do morro do Pinto, chimarrita gaúcha, nos

"É o samba que está chorando..."

galpões povoados de historias episodicas: ha em tudo a delicadeza de um coração nacional!

E' o Brasil que está cantando!

* * *

A minha terra é linda!

Acaso, á hora do Angelus, quando as igrejinhas humildes batem, sonóras e comovidas, as "ave-marias" algum paiz do mundo terá estes poentes de porcelana, com estas cambiantes transparentes de azul e rosa, amortecendo em violeta, e acendendo a immensa estrella?

E nas luminosas manhãs de Janeiro e de Abril, que paizes me offerecerão estes trechos de muros velhos, ennegrecidos, coroados de rosas, de onde sóbem, serenas e ridentes, como a canção da Primavera, as verdes palmeiras, altas e imperiaes?



"tinha um coqueiro do lado..."

E esses bancos de pedra, debaixo da “enorme frondosa mangueira”? E a “casinha pequenina”, com o coitado do coqueiro, que morreu de saudade? E o “lugar do sertão”? E a rua “onde móra um anjo”?

E essas noites carregadas de astros coruscantes sobre as ruas ermas das cidadezinhas do interior, com a grande lúia, a estranha poesia dos silencias enormes?

Brasil dos prantos da Moema! Brasil da Moreninha! Brasil da “Innocencia” de Taunay, e da “Iracema” de José de Alencar!

Brasil de Casimiro de Abreu e de Lobo da Costa!

Brasil ingenuo, Brasil amoroso...

Brasil delicadeza!

* * *

E, nos caminhos das fazendas, o canto dos carros de bois. Esse canto enche a carta geographica. Com elle se construiu uma Nação. E’ olhar o mappa de nossa Patria e escutal-o. Parece a canção dos panoramas infinitos...

O Brasil, para mim, é isto.

Manhãs de passarinhos. Mormaços caniculares. Os barrancos vermelhos. Os carros de bois.

Os Chevrolets. As fazendas. As plantações. As longas noites de luar...

Olhos suspensos na estrada da "Via-Lactea".
Olhos perdidos de saudade nos panoramas azues...
Brasil infinito!

* * *

Brasil sentimental, puro, candido, innocente!
Terra onde cada amor é um romance e um martyrio.

Paiz, onde o verbo illudir é synonymo do verbo matar.

Terra onde ninguem aprendeu a esquecer.

Patria das paixões violentas. Dos melindres, dos ciumes, das tragedias de beira da estrada, com



cabôclos cantadores e desordeiros, tão asperos e indomaveis, tão submissos á sua cabôcla...

Terra que tem mil cidadezinhas, iguaezinhas, com uma fonte da qual se diz: "Bebeu della, não sâe mais daqui!"

Interior da Bahia ou de Minas Geraes, de São Paulo, do Ceará, de todas as Provincias, existe dentro d'elle sempre uma cidadezinha que se torna, de improviso, o destino do coração de um viajante!

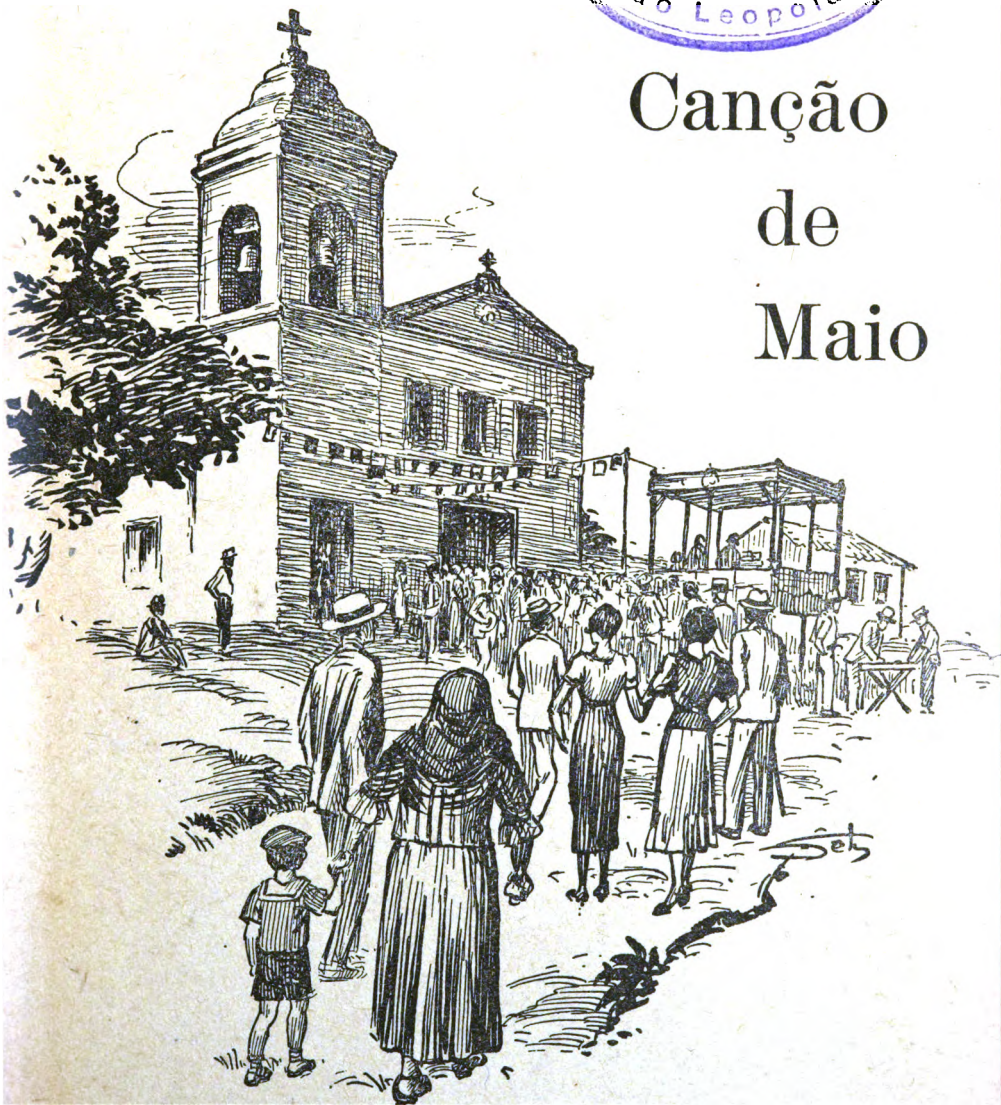
Cuidado, ó viajantes, que andaes despreocupados, pelos campos e serras do meu Brasil, entrando e sahindo, imprudentemente, nas cidades pequeninas, cuidado, muito cuidado com a cidadezinha que vos arma a cilada do Destino!

Esta é a terra amorosa do Brasil!





Canção de Maio



MEZ de maio, no
meu Brasil!

Pelas montanhas
de Minas, pelos planal-
tos de São Paulo, pelos
chapadões do Nordes-
te, pelas campanhas de
Goyaz e Matto Grosso,
pelos sertões da Ama-
zonia, pelos platós do
Paraná, pelas coxilhas
gaúchas, perpassa o

mesmo espirito de candura, quando as primeiras
estrellas scintillam á hora do Angelus...

São milhares de cidades, grandes e pequenas,
com suas igrejas floridas. Nenhum paiz é mais
bello nestas noites de Maio. Nenhum paiz é mais
uniforme, nem mais harmonioso.

O mez de Maio é o mez das moças da minha
Patria. Das meninas tambem. Ellas contam a
sua idade pelos mezes de Maio. No anno retraza-



*"...já fica pensativa nas tardes
sonóbras..."*

do, esta era uma criança de vestidinho curto; agora já cresceu, já fica pensativa nas tardes sonoras. Est'outra foi no anno atrazado corôar Nossa Senhora; ia tão linda no seu vestido branco, o véo de filó esvoaçando; e hoje está para casar.

* * *



...*“abrindo praias e remansos ás lavadeiras da minha terra...”*

Uma alegria nova re-floréce nas cidadezinhas do meu paiz.

Eu fui revêr este anno as velhas saudades apagadas pelo tumulto cosmopolita das capitaes. Fui visitar as cidades do interior da minha Patria.

Fui vêr as arvores antigas debruçadas sobre os muros, com bandos de canarios e as pequenas reminiscencias de idylls ignorados.

Fui vêr as estradas de barrancos vermelhos e sombras de angicos e cedros, que sahem silenciosas das cidades para offerer aos namorados as curvas macias com tufos cheirosos de gravatás e sombras amaveis de bam-

buaes, e velhos troncos sabedores de historias comoventes.

Fui vêr os rios humildes, correndo por entre as moitas de maricá e de capitúva, cantando baixinho, abrindo praias e remansos para as lavadeiras da minha terra, brincando debaixo da ponte onde os habitantes da cidade vêm tomar a fresca.

Fui vêr as velhas igrejas amigas, os pateos familiares, os vaidosos coretos nos jardins que disputam a primazia com os collegas das localidades vizinhas; elles têm canteiros com legendas importantes feitas com pedrinhas brancas em fundo de pedrinhas rôxas, ou feitos mesmo de grama



"A pharmacia onde o doutor juiz de direito conversa com o vigário..."

colorida, que é um primôr. As legendas dizem: "Ordem e Progresso", "Salve Coronel Fabiano", "Jardim Municipal". Debaixo das arvores tem bancos pintados de verde. Tem caramanchão também. E palmeiras. A banda vem tocar nos domingos para os rapazes namorarem. Fui vêr as pharmacias onde o doutor juiz de direito conversa

com o vigario sobre a instituição da familia e o velho chefe politico diz que o directorio está firme.

Como eu tinha saudades destas cousas! Os caixeiros-viajantes estão contando aneddotas no Hotel Central. Nos fundos do “Bar Republicano” estalam as bolas de bilhar e o giz assobia na ponta dos tacos. Fulguram as portas do “Bazar Elegante” illuminando a rua. Os pyrilampos scintillam na planicie, ao longe, onde sanguineas ru-raes se desfazem com os ultimos rumores da campanha.

No céu azul, sobre a cabeça negra de um morro boleado, resplandece a estrella da tarde...

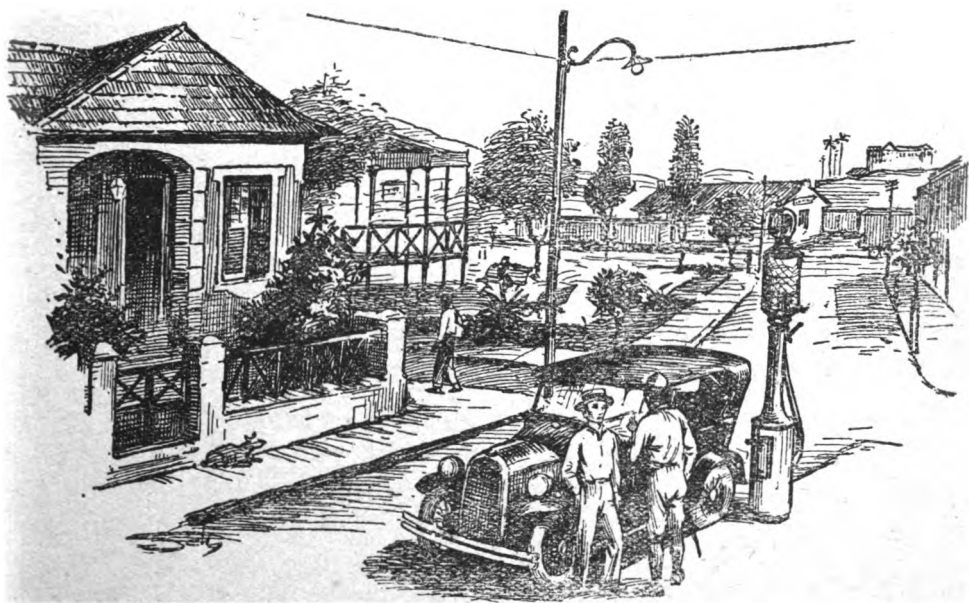
A estrella da tarde...

* * *

Cidadezinhas da minha Patria! Como são todas iguaes! Algumas com mais progresso, outras já decadentes; umas de ar modernizado, com “bungalows” mettidos á importancia, outras patriarchaes, de amplas casas solennes, janellas de guilhotina, oitões pesados e portas de ogiva; estas planas, aquellas montanhosas, todas com os mesmos quintaes, pomares, o jardim, a pharmacia, o bazar, a igreja, recantos de arredores, a agua melhor do mundo, e o clima nem se fale!

Todas com a mesma cadeia de grades por onde os presos enfiam as pernas para tomar sol; todas com o mesmo cruzeiro que um certo frade plantou em certa ocasião; todas com o mesmo “Club Recreativo, Literario e Dansante”, o mesmo radio, os mesmos jornaes, o mesmo baile aos sabbados; todas com o mesmo campo de futebol, as mesmas bandas de musica, invariavelmente chamadas “Euterpe” ou “Santa Cecilia”, as mesmas “Kermesses”, as mesmas “alvoradas” e procissões na festa do Santo Padroeiro, as mesmas manifestações de apreço ao coronel chefe politico...

As bombas de gasolina põem uma nota vermelha na pacatez urbana.



“As bombas de gasolina põem uma nota vermelha...”

Ó cidades historicas de Minas! Ó cidades patriarchaes da Provincia Fluminense e do Norte de São Paulo! Ó cidades de germanicos telhados pontudos de Santa Catharina! Ó cidades de telhados vermelhos do sertão paulista! Ó cidades asperas do sertão da Parahyba, do Ceará, de Sergipe e do Rio Grande do Norte! Ó cidades heroicas de Pernambuco, do Maranhão! Ó cidades silenciosas do Piahy e do Amazonas! Ó cidades junto aos rios do Grão Pará! Ó cidades coroadas de florestas do Espirito Santo! Ó cidades tradicionaes da Bahia! Ó cidades doces de Alagôas! Ó cidades “far-west” de Matto Grosso! Ó cidades perdidas nos centros de Goyaz, com telhados negros e um grande céu de planura! Ó cidades panoramicas do Paraná! Ó cidades lyricas e romanescas do Rio Grande do Sul! Quem vos disse que sois diferentes?

Acaso não vos enchem de poesia as mesmas commentadissimas historias de amôr?

Acaso não trepida em todas vós o mesmo ardor nas bravas e inúteis luctas politicas municipaes?

Acaso, nas mesmas igrejas, não se reúnem os vossos habitantes, quando a morte os visita, quan-

do os baptizados e os casamentos cantam as alleluias das novas gerações?

Acaso os velhos predios, os vossos velhos muros cobertos de hera e sobre os quaes se debruçam quaresmeiras roxas ou ipês de ouro, ignoram as antigas lendas, os poemas locais, que formam toda a immensa poesia da terra brasileira?

* * *

O mez de Maio encontrou-me este anno em pleno coração de Minas Geraes.

Eu nem me lembrava que Maio havia chegado.



“...manifestação de apreço
ao coronel chefe politico...”

Um grande céu azul-diaphano acendeu uma estrella enorme. A noite foi chegando devagar, como alguém que se approxima cautelosamente. O ar doce e fino. A cidade abriu seus olhos electricos. Os sinos começaram a cantar.

Vi, então, que a igreja se illuminára. Vi as moças que iam para a igreja. Todas de branco e fita azul celeste. Depois, os canticos suaves. O altar da Virgem todo illuminado, resplandecendo de lantejoulas e flôres. E' o mez de Maria. Isto se repete, a esta mesma hora, em todas as cidades do meu paiz.

As vózes puras e candidas transbordam a nave:

Stella matutinal
Regina angelorum!

* * *

Primavéra! Primavéra perenne! Reverde-cendo em cada geração! A mocidade é eterna! A poesia é eterna! E' esta mesma poesia, de agora e de sempre!

Ha quanto tempo não te revia, ó mez de Maio do meu Brasil! Ó alegria das cidades pequeninas, ó alvoroço da juventude, sonho das meninas e das moças do meu paiz, aroma da alma brasileira!

Ternura da paizagem, luz suave dos horizontes, azul do céu e das montanhas, harmonia mystica das noites nacionaes.

Neste momento sinto a unidade da Patria. Sim: ella é una e indivisivel. Cérro os olhos e vejo todas as cidades do Brasil! Do Brasil delicado, inspirado, affectuoso! Do Brasil familiar dos campos e das serranias; do Brasil dos povoados obscuros, das freguezias humildes, das cidadezinhas ridentes, das grandes e velhas cidades tradicionais!

Alma da minha terra!

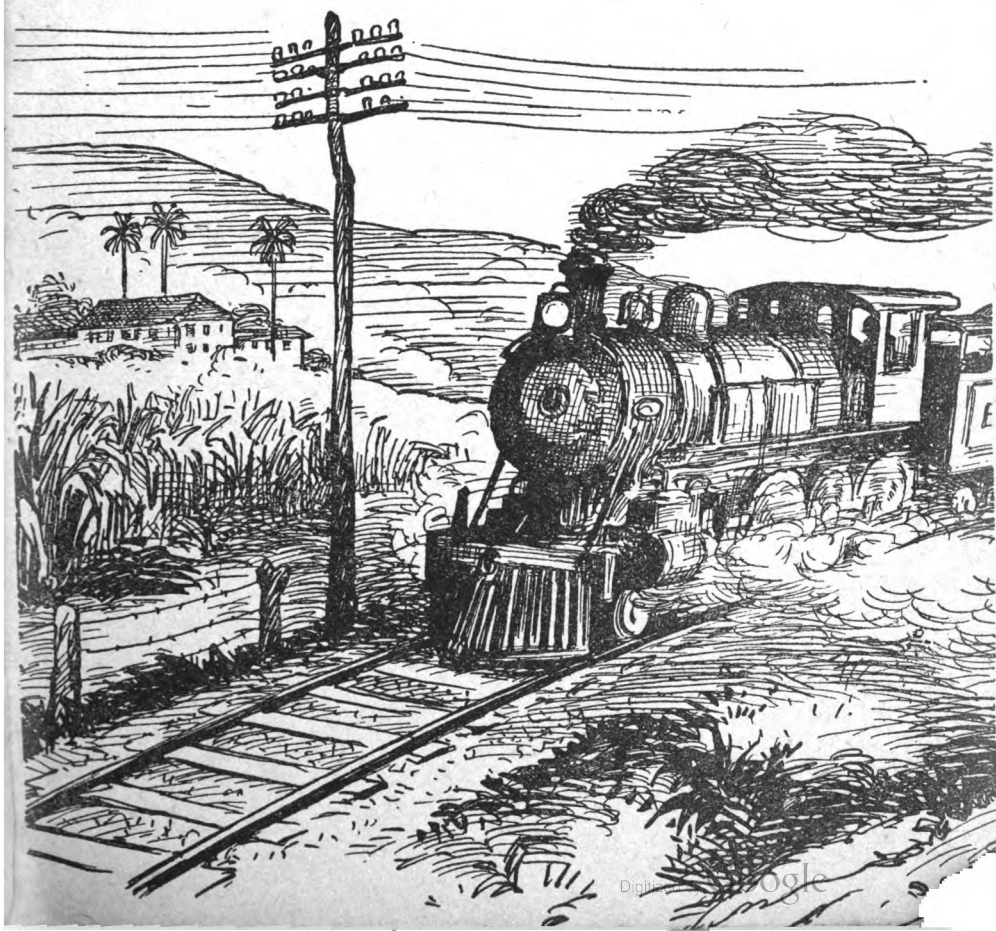
Terra do meu Brasil!



O Poema Lyrico

das

Estradas de Ferro



A marcha dos comboios!

E U vejo todos os dias passarem os comboios, os trens compridos que vão para Oeste, para Noroeste, e gósto de ficar olhando á noite as suas janelas illuminadas, como uma festa que passa pelos bairros humildes da Capital...

Aos trens que chegam, digo intimamente: **bôas-vindas!** Aos que partem, digo invejoso: **bôa-viagem!** E elles correm, estrondando nos trilhos, com chispas e pressa, levando ou trazendo uma população de malas e adeuses, saudades e esperanças.

* * *

Os longos comboios da minha terra vão accor-
dar na madrugada alta as cidadezinhas que dor-
mem no pleno sertão. E vão mudando de physio-
nomia em cada zona que cortam: — um trem da
Sorocabana, pelas alturas de Boituva, é differente
de um comboio em marcha pela região da Mogya-
na. As conversas entre passageiros exprimem
toda uma psychologia agricola, reflectem, no dia-

logo dos negocios e das preocupações, todo um temperamento de agglomerado humano modelado pelas fatalidades economicas...

A estrada de ferro é uma aspiração permanente de omni-presença. Como falam de distancias essas filas extensas de vagões que percorrem o meu paiz!

Europa e Brasil

Na Europa as populações são estaveis. Só se deslocam, em massa. Para a grande aventura da America. Mas, nos seus paizes, fixam-se á aldeia e á gleba, como partes componentes da paizagem. O pastor dos Pyrineos não irá transformar-se, por exemplo, num fruticultor da Provença, dos valles ou das planicies. Só se metamorphoseará no Novo Mundo, podendo até ser commerciante. E' que na Europa estão determinados e fixados os typos regionaes. Chega-se até a notar a preponderancia dos factores ethnicos: no Rhodano, a influencia greco-latina; na bacia do Garona, o predominante ibero; no valle do Loire, as características denunciando dos celtas.

* * *

No Brasil é tudo instavel. Em S. Paulo por exemplo, a Patria Brasileira mistura-se na confusão unificadora do typo futuro. Por isso, em nossas viagens por estrada de ferro, as differenciações evidenciadas são de feição apenas economica no tocante aos agrupamentos, porém, são profundas no confronto dos homens isolados. Cada qual sente a sua physionomia. Cada qual é um algarismo na grande equação proposta á solução do tempo e das fatalidades geographicas e geologicas.

* * *

Entretanto, as multidões que desembocam na arteria grossa da Estrada de Ferro Paulista, para as descargas de população fluctuante da Capital, falam linguagens collectivas incompreensiveis umas ás outras e falam uma só lingua de individuo para individuo!

Quem desce de Ribeirão Preto, ou das zonas novas dos cafezaes que se formam na alta Sorocabana, até o Paranapanema, vem falando o idioma do café. De outras regiões, o dialecto é do algodão, do gado, do fumo, da alfafa. Tudo gira em torno dos negocios. Os negocios têm a sua psychologia.

Differenciações e unidade

A mentalidade, a consciencia, a sensibilidade do fazendeiro de café divergem das características do estancieiro criador, ou do homem das pequenas glebas da polycultura. E, de todos estes, differe o typo geral do desbravador dos sertões, do plantador de cidades nos extremos limites do Matto Grosso ou Paraná.

Dentro de cada zona de producção multiplcam-se, porém, as physionomias distinctas de cada individuo, pelos contrastes originarios da formação ethnica ou da procedencia geographica.

Essa disparidade crêa um estado de espirito unificador e uma expressão identica, através de cujos accents e intenções todos se sentem irmãos na Grande Aventura, na obra de construcção material de que resultará, um dia, a construcção ethnica do typo estavel americano.

Paizagem humana

A confluencia dos comboios na estação da Luz... Quem quizer ter uma impressão de São Paulo, avizinhe-se dos trens que chegam do seu tumultuoso interior. A algaravia dos colonos: ita-

lianos, hespanhões, portuguezes, lithuanos, balkanicos; a prosa dos nossos cabôclos; typos queimados de sól que vieram da terra virgem de poeira fina, que ennodôa, pregando-se á epiderme, fixando-se nos cabellos endurecidos, porque a terra brasileira se agarra ao homem com a volupia aggressiva de um amôr de mulher...

Homens de catadura acapangada, de chapêirão e ternos kaki; homens patriarchaes de paletós amplos de brim e amplas botinas de vaqueta, de pesado passo...

O passo é pesado como um acto de posse. Na terra mil vezes contestada, o sertanejo apprende os gestos do dominio. Apprende a pisar duro como usocapiões, e o olhar adquire a expressão legal de justos titulos e bôa fé... E essa é toda a psychologia dos sertões bacamarteados de "grillos" que accordam contendidas nos panoramas de sól...

Os fazendeiros

E verá os fazendeiros de café, que discutem medidas do Governo. As filhas já foram á Europa duas vezes e põem um ar distincto de sociedade no carro **pullman** illuminado de lindos olhos. A conversa é sobre embarques, limitações dos ar-

mazens reguladores. Falam do tempo do café por baixo, tempo ruim. Ou do tempo do café alto e das prodigalidades. Opiniões e discussões. O trem corre. Abrem os jornaes e commentam. As filhas falam de films, vestidos, joias, automoveis, praias e livros francezes.

A historia de “Capim Guassú”

E verá os homens do logar chamado, por exemplo, “Capim-guassú”, que vêm em commissão para falar com o sr. presidente do Estado e com os senhores deputados da zona, porque “Capim-guassú” já cresceu tanto que não póde mais ser um simples districto de paz. Tem renda e população para se tornar independente. Cinco annos atraz era só vinte casas. Agora “Capim-guassú” tem cento e setenta, com dez lojas de fazendas e ferragens, igrejas e missa aos domingos, banda de musica e eleitorado. E’ uma das phases inevitaveis do desenvolvimento nacional. As cellulas se multiplicam. Os nucleos se reproduzem. Os partidos municipaes originados de demandas forenses ou disputas de edilidade perdem a sua força de cohesão junto aos districtos que cresceram e começaram a girar em torno de uma politica propria de independencia local, cujo prestigio reside no sen-

tido desagregante da aspiração collectiva: — a emancipação.

Amanhã, “Capim-guassú” será uma grande cidade, como Rio Preto, Barretos, Araçatuba. Então, chegará a vez de sua população dividir-se em dois partidos politicos, que disputarão a Camara Municipal e o Directorio. Nessa occasião, o districto de “Capim-mirim” fará o que fez “Capim-guassú”! E o phenomeno vai se repetindo; e é assim que se conquista o Continente...

O delegado de policia

O trem está correndo...

Aquelle moço é o delegado de policia que vai fichar os “pausmandados”, os ladrões de cavallo, os tocaieiros do sertão. Sahiu o anno passado da Faculdade, com sonetos e

discursos. A historia dos heroismos obscuros... Elle tem uma noiva, ou uma mãe, que ficaram rezando com uma véla para Santa Therezinha. Elle



“Aquelle moço é o delegado de policia...”

sabe as historias do Dioguinho e do tenente Gallinha. Leva na mala codigos, regulamentos e formularios. E um livro de versos... Leva, tambem, um Colt reluzente...

A escola primaria

Os olhares compridos da saudade na plataforma comprida que encosta o longo comboio das longas viagens...



“A sala da casa de madeira tem carteiras envernizadas...”

do menino... Numa caneca de louça murcham flôres sobre a mesa. No rectângulo da janella, a paizagem de luz...

Professorinha de “tailleur”, e uma gravatinha vermelha na blusa clara, para onde irá? A sala da casa de madeira tem carteiras envernizadas e o mappa do Brasil. No quadro negro está escripto: **“O menino atirou a bola; eu vi o menino; a bola é**

Professorinha dos footings da rua Direita. Vai escandalizar o sertão com “rouge” e unhas polidas. E saudades saudosas no luar do descampado. Ella também está construindo o Brasil. Quando vier nas férias, ao encontrá-la nos corredores das Secretarias do Estado, com o ar ponderado dos que já viram a vida, é preciso que a gente a cumprimente com respeito. Pequena semeadora do alfabeto, bandeirante, também, como o homem de chapeirão e catadura rija que derruba perobeiras e planta cidades...

Provincia

O percurso dos trens pelo nosso **hinterland**. Nas estações os esperam com festa. As moças vêm vêr o comboio que leva rapazes; os rapazes vêm vêr as moças.

Homens com cara de negocios e homens com cara de politica.

O trem pára cinco minutos na iluminação da gare rustica. E eu imagino toda uma pequena vida social na cidadezinha: seus dramas, suas historias de amôr, suas luctas partidarias, o moço que escreve para o jornal da terra e de quem dizem: “está-se perdendo aqui...” Os bailes e as retretas no jardim publico, as manifestações de apreço e as

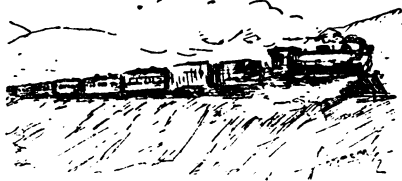
festas religiosas... Um silvo de locomotiva!
Adeus, cidadezinha!

Meia hora, e aparece outra estação igual...

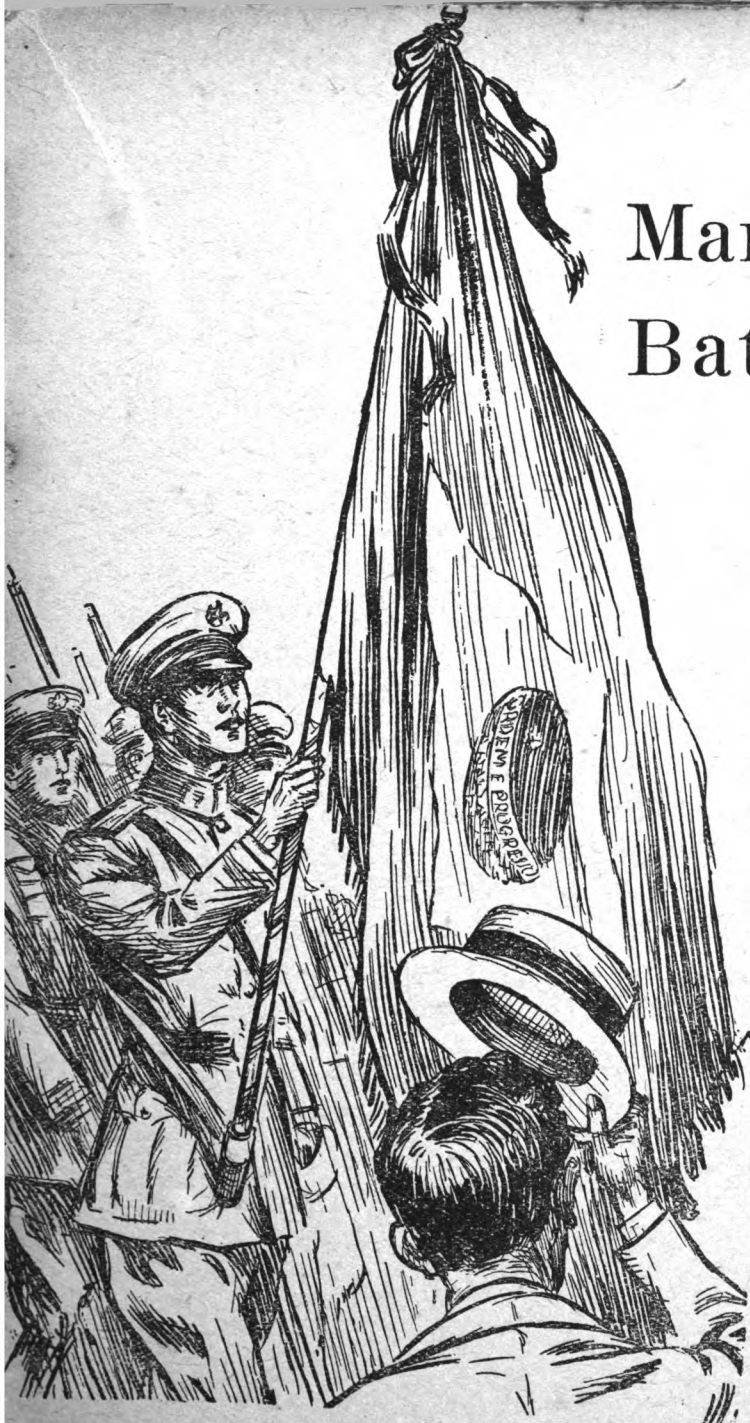
Meu Brasil!

Entre o silencio dos meus livros, escuto o grito das locomotivas dentro da noite quieta. E sinto a presença simultanea da minha terra... A saudade de todas as cidades, de todos os logarejos, das estações humildes do remoto sertão... Ergo-me, para olhar o mappa, com amor. O sentimento da Patria é uma eucharistia. Cada ponto da carta geographica me evoca uma lembrança. E' um querer-bem a cada uma das localidades, e a todas em conjuncto. E' uma vontade de estar em toda parte. Penso que o sentimento de Patria é uma comprehensão simultanea de espiritos e consciencias locais.

Para despertal-o, não ha como um grito de locomotiva na noite alta e quieta...



Marcha Batida



Nossa linda bandeira

A GORA, que um pouco de observação e convívio com o nosso povo, ensinaram-me o segredo da existencia e cohesão da nacionalidade brasileira, e fizeram-me comprehender, mais intimamente, a alma dos meus patricios, eu sinto desdobrar-se aos meus olhos o drama complexo da nossa formação realizada sob o fascínio das tuas côres, Bandeira Verde e Amarella.

Quando passas pelas ruas apinhadas de gente, como vives na alma dos oradores populares, que trepam sobre o povo embevecido e gritam: “meus senhores!”

Parece-me, sempre, ao ver-te, que estás orgulhosa dos versos de Castro Alves, espalhafatosos e raciaes:

*“Auri-verde pendão da minha terra
que a brisa do Brasil beija e balança...”*

Péo! Péo!

Rostos rubros de ardor civico bradam aos distrahidos: “péo! péo”! e eu te sinto na ingenuidade das turbas, nos lyricos, nos exaltados, nos que gritam pinchando as palhetas para o ar.

Desde menino me diziam: é a mais bella do mundo!

Dom Pedro desfraldou-a em S. Christovam: depois ella foi na frente das manifestações de apreço aos homens illustres, instigou a balburdia da “noite das garrafadas”, e desfilou na Historia assistindo aos rumores do parlamento de sobreca-saca que derrubava Ministerios e discutia problemas...

* * *

És a “bandeira do Divino” da nossa religião civica. A Republica foi tua grande festa, de que sahiste remoçada e mais faceira. Bandeira-do-Divino: capitão do mastro, alferes da bandeira, Osorio e Caxias, Deodoro a cavallo, de espada. Os tambores estão rufando desde que te inventaram...

Ninguém te destruirá, porque és o pendão de todo os coqueiros da terra de Pindorama. Columna votiva, coqueiro imperial, sobre a sepultura dos onze de Antonio João, que morreram sob tua som-

bra, agitas teus leques nos sertões immensos, adornas as enseadas e os estuários, as serras altas e as chapadas de sol.

Passas... E os distrahidos despertam á vóz do Povo Creança: “péo! péo”.

Explicações...

Quando me ensinaram patriotismo, era um velho querido que me contava as valentias do Herval disparando na frente das tropas com o rosto furado á bala; a proeza do Barroso que accendeu o charuto em cima do paiol da polvora (morriam todos — que gloria! — mas não cahias, Bandeira, nas mãos do Inimigo)...

A gente engrossa a vóz no collegio e fica literato de calças compridas, com discursos do Club Literario “Alvares de Azevedo”; então, aprende que o verde são nossas mattas, nossos mares, esmeraldas; o amarello, nosso ouro, nossas minas e riquezas; o azul, o céu de anil. E Casimiro entra:

*“Todos cantam sua terra,
tambem vou cantar a minha;*

*nas debeis cordas da lyra
hei de fazel-a rainha...”*

Explicações das estrellas. Vinte e um Estados, o Districto Federal. Cruzeiro do Sul. “**Nosso céo tem mais estrellas...**” E Bilac saúda: “**Salve lindo pendão da esperança, salve symbolo augusto da paz**”...

— O Brasil não é guerreiro?

— Não. Nunca fez guerras de conquistas.

Falam-nos, então, de americanismo e da doutrina de Monroe. O Barão do Rio Branco assesta o binoculo em Petropolis e examina as fronteiras do Brasil. Para vêr si estão direitinhas.

E, no fundo do Amazonas, Euclydes da Cunha, no intervallo da maleita, faz um discurso aos bolivianos, mostrando a arvore verde com flôres amarellas: “aqui está nossa Bandeira”...

Serviço Militar

Linha de tiro com a canção do soldado. Alça de mira. Direita, volver! Accelerado; meia volta; sentido ; hombro arma; apresentar... armas! Marcha batida para a tua passagem. Marcha batida e corações batendo. Galões, quartel, dragonas, ordens do dia, e toque de alvorada... Salva de vinte e um tiros, o discurso do tenente. Juramento.

Edade do amôr, apparição dos primeiros olhos bonitos que tonteiam a mocidade e radicam o cora-

ção á terra do nascimento. E consegues ser amada ainda mais. Tua graça feminina, teu donaire, tuas côres vivas... Menino e moço. Nossa vida é uma primavera com "stand" e caderneta militar.

Culto á Bandeira

Nosso patriotismo é differente do de outros povos. Nação infantil, falta-nos, como em França, o alto culto tragico do pavilhão nacional. Não temos aquelle mysticismo gaulez que se auréola em Joanna D'Arc, e subtiliza-se no sentimento heroico que envolve o Pantheon e o sarcophago do "soldado desconhecido". Nem o culto épico dos exercitos germanicos, que marchavam com pés de ganso como uma população descida dos Niebelungem, levando as aguias pretas da conquista; ou a força da tradição remontante aos seculos de Roma, que conduz o povo italiano desde Cavour a Mussolini; ou ainda, o senso do passado poemático, que suggerem as quinas portuguezas.

Porque somos a Grande Criança. O paiz, que está crescendo, nessa apparente desordem que caracteriza os gestos e attitudes da infancia.

Nosso patriotismo é differente. E' o instincto que ainda não se crystalizou e que lança mão de formulas de emergencia, e crêa uma situação con-

vencional para nos apresentarmos ao mundo, como quem veste uma roupa de estylo para as festas da Civilização...

Tudo, para nós, tem de ser, muito tempo, de caracter precario, a tal ponto que, os ideologos sonhadores, nos julgam irremediavelmente perdidos. E' que elles tomam um ponto fixo "de doutrina", querendo fazer gravitar em torno d'elle a insubordinada phenomenologia da nacionalidade em função de crescer.

Gloria ao "patrioteiro"!



Nada mais expressivo de nossa Nacionalidade do que essa fórmula de sentimento que costumamos ridicularizar, concretizando-a no "patrioteiro".

Patrioteiro optimista que diz: "nosso Amazonas é o maior rio da terra; nossa Paulo Affonso é a maior cachoeira; Ruy Barbosa falava vinte idiomas e trinta dialectos; quem in-

"...estamos á beira do abysmo!"

ventou a machina de escrever foi um padre brasileiro"...

Patrioteiro pessimista que bêrra: “estamos á beira do abysmo; bandeira ingleza na alfandega...”

Um e outro estão de accôrdo em berrar discursos á tua passagem, ó apaziguadora dos sonhos de opio e de absyntho, ó meu sonho verde de ouro e sol!

Deante de ti, Bandeira do Brasil, não me pejo de abraçar meus irmãos patrioteiros, porque eu mesmo estou convencido de que a unica fórmula de patriotismo comprehensivel em nossa relatividade circumstancial é essa — a do patrioteiro. E' claro que me refiro ás massas, á grande multidão brasileira.

Patriotismo “ad-hoc”. Interinidade sentimental aguardando o senso effectivo da Nação.

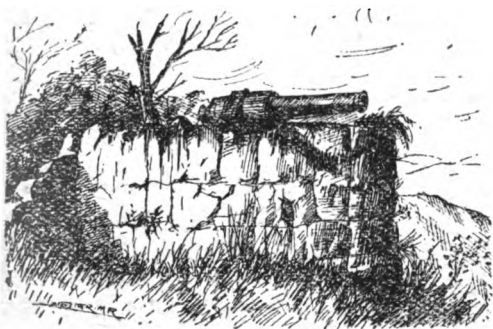
As muralhas provisórias

O homem que grita na rua: “péo! péo!”, á tua passagem, ou ao som valente do nosso querido Hymno Nacional, exprime uma precariedade historica irremovivel e imprescindivel, num paiz em que estamos ainda trabalhando por formar uma consciencia collectiva, definida, no espaço e no tempo. Consciencia que depende da propria geographia, da acção do sol amorenando as raças, da

lucta com a selva e a communhão cosmica, e que temos de ir preparando, tambem, com o nosso esforço, em pról da libertação completa dos preconceitos retardantes e oppressivos das nações velhas.

O “patrioteiro” é a muralha provisoria da Patria. Não podemos prescindir delle, emquanto não crearmos patriotas.

* * *



Tú brasileiro culto, si já te libertaste das doutrinas ridiculas de um internacionalismo impossivel; si já transitaste por essa situação falsa dos que clamam: “não ha fronteiras

para a humanidade”, “a arte não tem patria”, “a bandeira é um trapo inutil”; si percebes agora, quanto é errada a attitude dos que pretendem excluir a comprehensão do paiz e da raça, dessas fórmulas convencionaes de concretização dos sentimentos complexos da nacionalidade, — amarás, mais ainda, a Bandeira Verde e Amarella, porque ella foi a vóz de commando do nosso tumulto, a fé unica nos atropelos da nossa agitada formação e da nossa difficil organização.

Missão objectiva da Bandeira

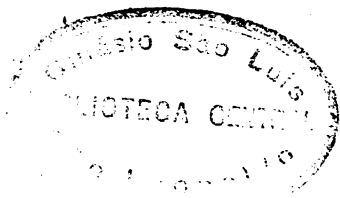
Emquanto o reduzido numero dos que visio-
nam mais claramente os nossos problemas esfor-
ça-se numa obra de construcção; e enquanto
uma consciencia inicial vai-se alargando até attin-
gir a integração absoluta do Todo Nacional —
serás (ó Bandeira Verde e Amarella!) uma especie
de adiamento permanente de dissoluções, ou de
marchas erradas, a idolatria que embevece e que
ensina a esperar.

Vóz apaziguadora para a nossa inquietude;
afago para as nossas angustias; idioma unico para
esta confusão babelica de raças em mistura, de in-
compreensões e de luctas; espelho da terra em que
pretendemos objectivar os phenomenos complica-
dos do nosso drama social; cabelleira verde da
Yára-Patria, que todos fitam, a ponto de não ve-
rem mais nada em redor...

Vais acenando, acenando, levando inebriada de
sonho esta humanidade hecterogenia que se trans-
forma e unifica ao sol da America, para ser a Gran-
de Humanidade do Futuro.

* * *

[67]

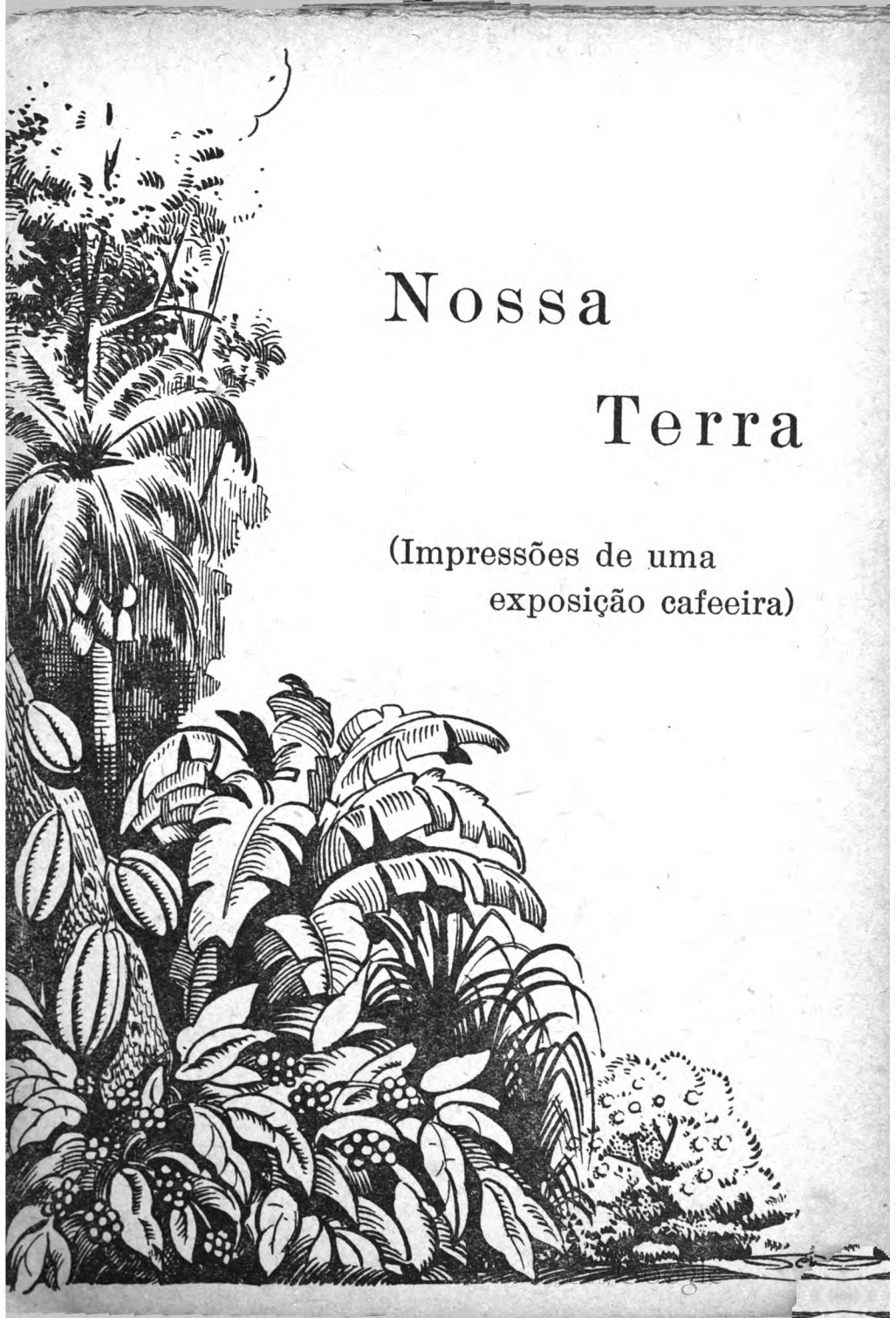


E' assim que te compreendo, Bandeira do Brasil.

Marcha batida para tua passagem. Corações batendo. E o orador gesticulando nos meetings:

— Meus senhores!





Nossa

Terra

(Impressões de uma
exposição cafeeira)

No palacio encantado

O Palacio cresceu na noite com luzes.
E encheu-se de Brasil com lampadas coloridas por fóra.

Holophotes tambem.

A gente chega no meio do povo multicôr das palhetas domingueiras e dos vestidos vistosos onde a sêda de Hygienopolis roça pelas étamines e baptistes do Braz e do Bom Retiro.

Os bondes empanturrados passam alegres pela iluminação; e o vento fresco da noite abracadora faz de “briza do Brasil, que beija e balança” no alto da torre, que cresce em festa, com a bandeira nacional desfraldada...

Um jazz jazz-bandeia com uma tésta ethiope curvada sobre um saxophone. Os “grillos” mostram o caminho, por aqui, por alli. No borbolino da multidão, que sóbe e desce, pelas escadas, entre as ramas de café e os cartazes berrantes, com pelotões de cafezaes e chapeirões de colonos num céu azul!

Lampadas e vidros reluzentes de mostruarios e vitrines.

Fazenda paulista

Modelo em miniatura. Casa do fazendeiro, do administrador. Do escrivão. Dos colonos, enfileiradas pela encosta. A vendóla. O pasto com coqueiros. O jardim. Os morros em redor dos cafezaes. O horizonte. O indefectível céu azul.

Tudo num scenario reproduzindo com argila e serradura. Mas os comparsas surgem na imaginação de quem ólha.

Alli, naquella casinha, o escrivão. Letra bonita, tem quarto anno de grupo escolar. Pensou em ser doutor, fez sonetos, amou como toda gente, casou. Depois aquella casinha com alpendre e geranios, a escripta da fazenda, a criação de umas gallinhas, e o assumpto invariavel das safras, do armazem, dos pagamentos...

Casa mais bonita, maior, a do sr. administrador. E cartas ao fazendeiro, que offenderiam a syntaxe da Academia, mas são gostosas porque trazem um cheiro agreste.

A estrada larga, a capella. Pensa-se na familia que móra na Capital, e no automovel lustroso

que chega com um ar de grande acontecimento para a visita periodica.

Em redor, a colonia, a Grande Esperança que ergue as mãos para os rubros fructos, pensando em possibilidades immensas de libertação. Que o mundo é uma roda; mas na America gira mais depressa.

Fazendas do tempo do Imperio



Alma fluminense

Pavilhão do Rio de Janeiro. Mentalmente eu vejo o mappa e a cidade que nunca perderam para mim o tom romantico que conheci quando foi da “Moreninha” e dos versos do Casimiro.

Rio de Janeiro tambem tem no sangue da sua economia e das suas finanças, esses globulos vermelhos do café. E, através dos seus productos, eu vejo a vida dos municipios fluminenses, a payzagem das baixadas e das montanhas. E toda uma literatura. A pequena Itaborahy onde o visconde viu

o contrerraneo João Caetano; São João da Barra, cheia de lyrismo e o pobre poeta que pensava nella,

*“nas horas saudosas das noites de estio,
a face pousada na palma da mão...”*

e o Parahyba, rolando, bojudado de orgulho porque tem versos no seu album, escriptos por Alberto de Oliveira, e figura de comparsa com a palmeira desgarrada de Pery e Cecy, no romance de Alencar e no “Guarany” de Carlos Gomes...

As fazendas no tempo do Imperio, o caminho para Minas, com tropas que tilintavam guizos e sincerros, accordando o progresso da Baixada, que ficou com saudade, até agora, dos tropeiros e dos caixeiros-viajantes... A Exposição está contando aos visitantes que vão e vem, que a terra fluminense progrediu muito, que hoje é cousa que “pode-se vêr”. Nictheroy cresceu, está linda; e Campos tem usinas de assucar, e industrias, e Petropolis, nem se fala, de tão deslumbrante! Tudo isso sei, e vou tomando nota, mas sobretudo invade-me este sentimento de conjuncto das suas cidades, onde percebo bem forte a alma brasileira... A doce alma fluminense!



“...jequetibás e perobas, serpentinados de cipós e embiras.”

Digitized by Google

Florestas capichabas

Um sujeito gordo está dizendo ao lado:

— O Brasil é um colosso.

E estou no Estado do Espirito Santo, com photographias de Victoria e das fazendas do interior. E nessas fazendas, a casa, o mangueiro, o terreiro, as porteiras, os cabôclos, — vejo que todo o Brasil é igualzinho e que nós todos somos bem irmãos.

Estão encardenadas numas estantes as arvores do Espirito Santo. Longes tempos de menino, tinha um brinquedo que dizia:

— Que pau é este?

— E' angico.

— E este?

— Canella...

— E este?

Assim por deante.

As florestas do Espirito Santo têm madeiras de lei. Dão para construir uma nação inteira.

O porto de Victoria, com as montanhas; a cidade já tem confortos. O Brasil está crescendo. A' beira do abysmo desde que o conheço; mas não ha de cahir!

Agora, encantado pela terra capichaba, entro no pavilhão da Bahia.

Bahia, velha Bahia!

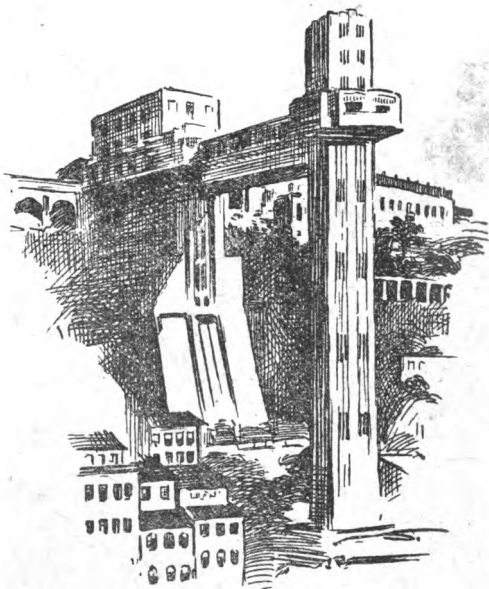
O' Bahia que em menino já me davas saudades sem te conhecer! Saudade das tuas rezas e benzeduras, das tuas igrejas numerosas, dos teus sinos badalando, desde Pedro Alvares Cabral... Um dia irei lá, dizia, só para te vêr! És o berço do meu Brasil!

Quitandeiras, negros velhos, um vulto de padre...

Uma face da igreja com uma sombra gostosa num pateo de sol... O sol no céu.

O elevador eu conheço desde que estudava geographia num livro que tinha um retrato delle. Palmeiras, azeite dendé...

Bahiana velha, bahianinha moça, boniteza de collares chacoalhando com maxixes, com reboleios de chita com lenço na cabeça! Quentura quente de pimenta e sol, no vatapá e no amôr...



Bahia: o elevador

Sombras de praias e calôr de chapadas, caatingas, vaqueiros, e as rumorosas alegrias das feiras. Cocáda...

* * *



...quitandetras...

Tudo isso a exposição não diz, mas digo eu, para mim. Que aqui, neste mostruario, estão as fructas soberbas do cacáo lembrando tanta cousa! E, penduradas, na parede, as fibras do bority. E, descansando a um canto, pedras, mineiros que sabem das cousas da terra e do matto.

Maniçoba, gomma-elastica. Pelles de cabra.

E o fumo cheiroso em folhas largas.

O presepio mineiro

Um cartaz com uma vacca no bebedouro, muito fresco, muito suave, annuncia que estamos no pavilhão de Minas Geraes. E logo as industrias

de Juiz de Fóra vem ao encontro da gente, como quem diz:

— Que está pensando, então?

Teares. Peças de chita e de algodãozinho. As fabricas de tecidos são as velhas matronas que fiam a sua rôca, com apitos de vapôr, com barulheira de polias, de roldanas, de massaroqueiras, e ferramentas complicadas, para vestir nosso Jéca...

Elle está trabalhando lá, plantando café e fumo, cutucando o gado com o agulhão e arrancando feijão da terra; e aqui vão se apilhando as peças do seu vestuario com padrões que vão figurar nos catiras, nos batuques, nos desafios de viola; e as que vão enfeitar as morenas dengosas, de olhos pretos e cabellos pretos.

Depois, a gente entra numa sala que conta todo o ouro que Minas já deu ao Brasil. O visitante fica tonto de tanta cousa que Minas tem para mostrar.

Como nos outros pavilhões, o denominador commum: — o café.

Cartographia

Minas começa lá em cima, na Bahia. Conversa com Goyaz do lado direito e pergunta ao Espirito Santo, do outro lado, que côr tem o mar, que elle está espiando...

— O mar é da côr do matto.

Cidades velhas e cidades novas. Ouro das minas e ouro do café. O gado, tambem, disseram que é ouro andando.

Montanhas, cidades, que trepam: e a immensa poesia que veio, desde Villa Rica, espalhando-se pela vida mineira...

O tumulto paulista

Num barulho de luzes e de machinas, cartazes, reclames, industrias, fazendas, locomotivas, pautas com numeros, entro em São Paulo. Ton-tura. Cartographa-se numa téla mural, a capacidade cafeeira dos municipios paulistas. O mappa explica: cada ponto preto são quinhentos mil pés. O que está para baixo não se conta.

No meio da sala, num throno, El-Rey Café. O grande eleitor.

Feitiçaria

O negro comeu angú. Angú de milho da terra. Tiraram o sangue delle: era café.

Nêgo-vêio resmungou no eito. Depois as fa-

bricas responderam resmungando nas cidades, resmungando alto.

Nêgo-véio fez mandinga na sua noite fechada; porisso o progresso de São Paulo parece uma feitiçaria.

Polis — cultura.

O cabôclo pegou no machado e foi vêr o bugre. O italiano foi no seu rastro e cultivou as cidades que estavam plantadas.

O paulista inventou uma nova agricultura: — plantador de cidades. As sementes de cidades estão no embornal. Derruba-se o matto, faz-se uma cóva, joga-se a semente: a cidade nasce. Depois, é só tratar della.

Machinas e numeros

Rumor de machinas de beneficiar. Barulho de machinas de moêr, de torrar. E o ranger dos guindastes que extendem a mão para as boccas abertas dos navios...

Locomotivas, vagon, gondolas, fios telegraphicos, auto-caminhões, carroças, carroceiros, car-

regadores, estivadores, gente suada, formiga correição que vem das fazendas, até ao cães de Santos, nos braços liquidos da Bertioga, abertos para o **hinterland**...

Algarismos, cotações, operações, transacções, despachos, embarques, limitações, armazens, bancos, institutos, tarifas, taxas, commissario, corretores, e a grande personalidade rumorosa: — a Praça.

A Praça, que parece uma pessoa, a Praça que está ruim, que está bôa, que merece xingos e elogios, e que tudo domina...

Movimento estridor de S. Paulo crescendo. S. Paulo de arranha-céos, de milhares de automoveis, de ondas immigratorias, de gente rica que fica pobre, de gente pobre que fica rica. S. Paulo que faz uma casa por hora, cidade que anda com o relógio na mão, num duello permanente com o tempo, S. Paulo febril e fabril, milagre do café!

E, apesar de tudo, como São Paulo guarda, intangida, a sua grande alma, e como sente o Brasil...

* * *

Na noite illuminada, o Palacio das Industrias dava-nos bem uma idéa do que temos e do que

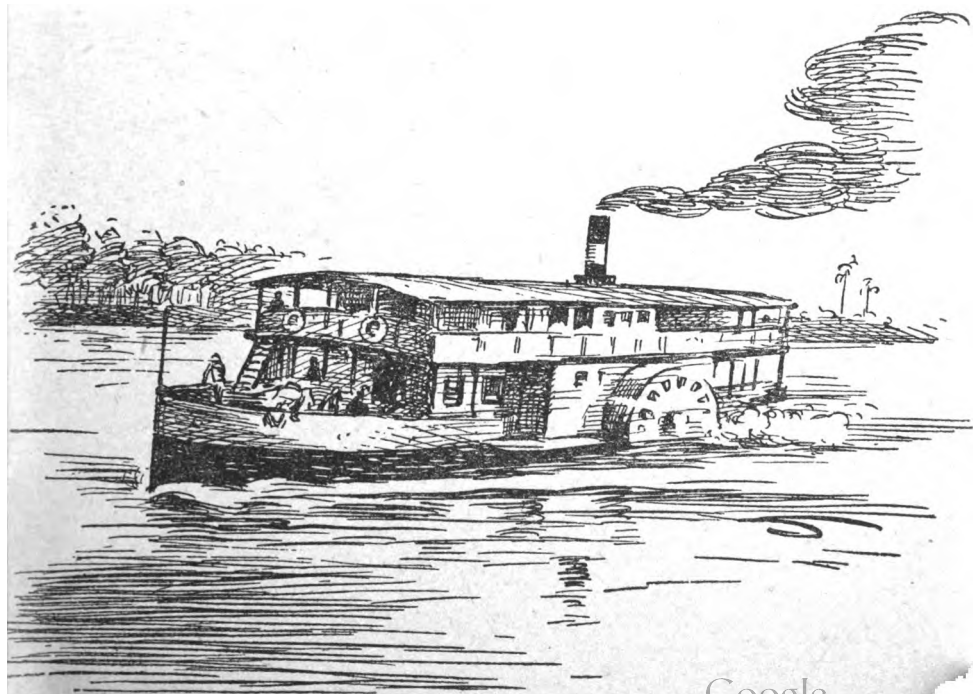
somos, pois estando ali apenas representados os Estados cafeeiros, era, cada um sózinho, um paiz.

Penso nos que estão ausentes. São também trabalhadores. Sua gente é bôa, sua terra é bella.

Brasil! Brasil!



Na Zona dos Sambaquís



MANHÃ de labareda. O rumor das ferragens nos trilhos vai fugindo da praia seiscentista. Viglada pela igreja a cavaleiro no morro com a imagem de Anchieta no fundo da testa de pedra.

O trenzinho da "Southern" acompanha o capricho geológico da Serra do Mar, que arrufou em Itanhaem com o Oceano, paralelo desde o Rio de Janeiro, para afastar-se zangada no longo arco de circulo no rumo do Paraná.

Itariri

O trem range, balança, cantando nos trilhos:
Ten-ten-ten; terenten-ten...

Começam as mattas, perobas de barba de pau, figueiras bracejantes, morros boleados. E a frescura dos barrancos humidos. Cambarás, assa-peixes, engrinaldam innocencias de capoeirões carrancudos; quaresmeiras rôxas enquaesmam verdes-sombrios de cerradinhos fechados.

Manhã de domingo. Itariri vestiu chita nova; nas vendas tem lenços engommados vermelhando

no pescoço de camisas de algodão e palitós de algodão. A professora põe uma nota de cidade com a pretensão “marrocaïn” do vestido bonito de pernas. O trenzinho traz um cheiro da cidade que ficou fechada dentro das férias. Brins brancos e kakis namoram, “organdis” e “étamines”, babados, “plissés” e collares vermelhos de contas baratas.

Prainha

Prainha também tem seu domingo familiar de conversas para vêr o trem. Cheiro bom de matto, cantiga quieta de um solzinho que morde. **Tere-re-ten-ten; terere-ten-ten...** Alegria matinal, cheiro de sassafrazes, lyrios. E as arvores que vêm espiar a gente no barranco. E as parazitas que fingem troncos mortos de troncos vivos, para embromar.

Santo Antonio do Juquiá

O rengue-rengue rodante estaca na plataforma final. Cantina. O rio corre lá em baixo, convidando, convidando...

Malas e poeira. Canôas. O hotel japonês, vinte janelas azues na fachada muito branca.

Do outro lado, no morro, casarões tristonhos, igreja tristonha. E' Santo Antonio do Juquiá, cidadezinha que parou, com medo de atravessar o rio. Bem vejo, na sua physionomia melancholica, que ella conversa todos os dias, com aquella serra lá de trás, azul-tristura, contando rumos de sertões que vão para as soturnas chapadas de Apiahy.

Albergue romantico

A noite cahe com luzes vermelhas de vendas e anedotas de viajantes commerciaes. E' ali o limite de todo o dynamismo de São Paulo. Sente-se a linha divisoria dos rythmos. E' preciso uma afinação dos sentidos, em compassos quaternarios, respiração sentimental muito grande, e uma paciencia parada.

Cabôclos, japonezes, guaranys e negros resmungam conversas diante das prateleiras com fileiras de rotulos de anizete. O quarto romantico do hotel escuta a canção do rio...

A partida

O vaporzinho desce manhã-cedinho dando guinadas em barrancos zangados que ensinam o caminho com soccos. Por aqui! Por alli! E a roda d'agua — tchum-tchum! tchum-tchum!

O verde sombrio ganha a tonalidade bronzea dos paus-d'alho, nas margens abertas para o céu humedecido de azul lustroso no sol bravo.

Adeus, gente de Xiririca!!

Barra.

Vamos nos despedir da gente de Xiririca, que sóbe noutro vapor. Vai o chefe politico, uma familia, uma professora, que fala de portarias e averbações. O coronel conta-me a grandeza do seu municipio. Terras boas como eu nunca vi. Dá tudo em se plantando nella. Municipio cotuba. O meu commensal é velho e estimado, amigo antigo dos velhos politicos de São Paulo, querido e bom. Mas ha uma resignação triste na conversa enthusiasmada. Porque decerto Xiririca não é bem conhecida pelas suas excellencias, e póde ser que eu duvide della, como homem que vem das zonas de estradas de ferro.

Lá se vae a gente de Xiririca, subir o Ribeira
noutro vaporzinho.

— Adeus! até um dia!

Afastam-se os dois vapores. Minha ternura
pelas cidadezinhas longes, de silencias pezados, sem
gritos de locomotivas...

Autoridades estaduaes, cercadas de agrados,
porém com um sentimento de exilio. Os olhos na
remoção.

Os olhares e sorrisos dos viajantes eventuaes,
com inconscientes commentarios aggressivos aos
brios do municipio.

E mocinhas, que ouvem falar do “outro lado
do Estado”, de bailes fulgurantes e vida vivida...

Namôros lyricos, pasmaceira mystica, e o éco
do mundo pelos jornaes.

Doçura das cidades perdidas no vasto “hinter-
land”, que a gente só se lembra para caçoar, como
si ellas não fossem heroismos hereditarios plan-
tados com uma esperança que não esmorece nunca,
e alimentados, já agora, por affectos de fundas
raizes. As raizes secretas da alma da Grande
Patria!

(Eu descia o Ribeira, lendo Alberto Torres, e
comprehendia toda a força dessas grandes reservas
nacionais...)

— Adeus, xiriricanos, meus irmãos em Brasil!

K-K-K-K.

E uma bandeira vermelha, meninos enfileirados sob o commando de um professor. (Kaigai-Kogi-Kabushick-Kaisha). Colonia japoneza. Barris de pinga, saccos de arroz, para o vapor. Casas nipponicas. Eucalyptus altos. Uma perobeira a cavalleiro do casario.

Desço, para conversar, apanhando dados sobre instrucção, sobre discriminação de terras devolutas, sobre a producção, a população brasileira e a japoneza. Volto ao vapor e leio outra vez Alberto Torres. Que coincidencia ter vindo esse livro na minha mala!



“o rythmo invariavel dos remos...”

* * *

“Ouviram do Ypiranga as margens placidas, de um povo heroico...” (O Ribeira abre-se placidamente pelas terras de alluvião). — “Sim, a nossa geração tem muito o que fazer. Viva a

grandeza da nossa terra!” (Multidões de paus-dalho vinham espiar-me das margens, como ciceroni, contando que a terra era bôa). — “Os nossos problemas sim, temos problemas. E aquella litteratura inutil, que vive discutindo questões de formas; e aquelles politicos que falam em democracia, tão apegados a formulas archaicas, professores mofados de direito, que não conhecem nada além dos textos...” (Canôas deslizavam pelas sombras das margens). — “Como será a Amazonia? e outras regiões, tão parecidas com esta?” (Abriam-se clareiras no matto á margem e appareciam á porta de choupanas, crianças de sujos vestidos talares, hirtas, olhando o vapor que descia. Mulheres longas como canôas em pé)...

O homem prehistorico.

Entramos na zona dos sambaquis. Consulto os escriptos de Ricardo Krone, o homem estudioso e trabalhador, que viveu tantos annos em Iguape. Os sambaquis marcam a linha primitiva da costa brasileira neste ponto. O homem que comia berbigões e sernambis, deixou, ha milhares de annos, talvez quarenta mil annos, alguns esqueletos que Krone encontrou. Um, trazia, em uma das mãos, duas pedras de tirar fogo, como quem diz:

— Tínhamos fogo.

Outros dois, abraçados, ficaram dizendo:

— Nós amavamos.

Um outro, finalmente, o gesto retorcido num ultimo arranco de dôr, uma das mãos á bocca, como num espanto, deante da incerteza da morte, estava contando:

— O mysterio nos assombrava.

Noite selvagem

Em Guariruva de noite. Luz vermelha de lampeão belga. Conversas atôa com um muladeiro de risadas e um viajante portuguez que nos diz que o casamento é uma cousa muito séria. Grillos. A escuridão completamente escura com sapos e glu-glu de agua cantante. Entramos na madrugada, na descida para Jacupiranga.

Os aguapés

Bruma branca no rio branco, subindo do matto verde, de capoeirões que se agacham para beber agua. Tem arvores de calças arregaçadas, de saias suspensas, que entram com agua até ao peito.

Outras que se banham todinhas, deixando a cabeça de fóra, cabelluda, verde-escura, com enfeites de flôres amarellas. Planícies. Coqueiros gerivás, gissaras magras, guavirovas.

Sol branco. A espaços, uma, duas canôas paradas. E' um portozinho. Uma choupana no meio do matto humido, um pilão, varas de pescar. E, outra vez, mulheres, crianças de longos vestidos sujos, e longos cabellos, e olhares compridos. Aguapés.

Canôas vagarosas. Rythmo eterno das populações ribeirinhas regido pelo rythmo invariavel dos remos. Aguapés.

Uma remada comprida, vagarosa; um gesto longo, preguiçoso; um avanço lerdo, descansado. E o Ribeira floresce em aguapés que balouçam bamboleantes na indolencia macia das aguas lascivas.



"o Ribeira floresce em aguapés..."

O rio que venceu o mar

O rio está ganhando importancia para ir brigar com o mar em Icapára. Elle conquistou para

a terra toda a região que amontoou de detritos na época prehistorica. E, então, foi levando o homem do sambaqui para a Juréa e o Sabaúna.

Fez, em não sei quantos mil annos, trincheiras de piçarra, para não ter conversas com o mar. A piçarra afflorou com os exercitos aquaticos dos mangues. E os mangues cravaram os dentes nas aguas. Comeram salitre. As arvores caminharam agachadas na areia, juntando mais areia, que as dunas mandavam, que o Ribeira trazia lá de cima, dos terrenos vulcanicos das abas da Grande Serra. Foram andando agachadas, curvadas como quem faz força, e diziam: — vamos beber o oceano.

Formaram a Ilha Comprida, entupiram a grande bahia de Iguape. Então, o Oceano zangou-se e mandou a maré subir pela bocca do Bom Abrigo e pela entrada de Icapára. O Ribeira pregou-lhe uma cabeçada e atirou areia nos olhos do Atlantico, e trouxe terra com os aguapés. E os mangues foram cantando sua victoria por seculos e seculos. O homem do sambaqui assistiu á lucta formidavel; e foi seguindo na rectaguarda da terra, para buscar ostras no mar. Por isso, o seu rastro ficou testemunhando a tremenda tragedia geologica.

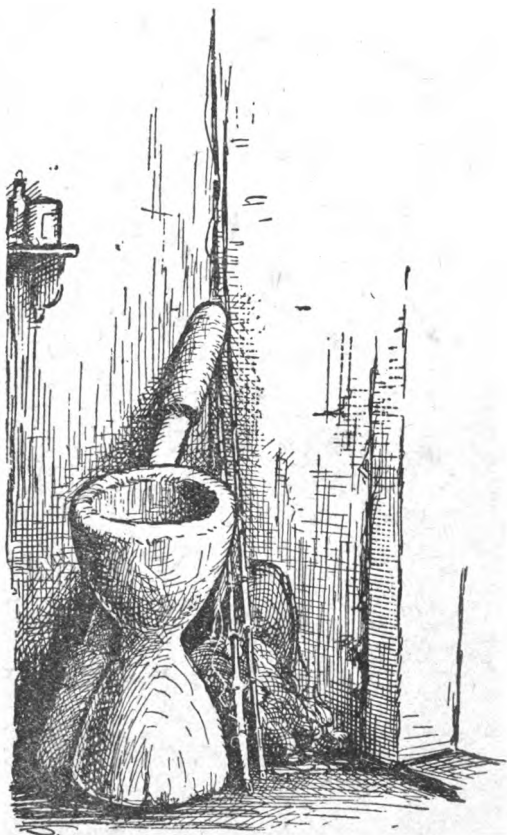
E, agora, quem desce o Ribeira, ainda nota os ultimos resentimentos da terra e do mar. O rio,

que trahiu o Pae das Aguas e se fez alliado da Serra, desde que ella brigou em Itanhaem com o Atlantico, ainda leva o ar solenne dos vencedores. E, quando entra no Vallo Grande, que rasgaram para encurtar-lhe o leito vagabundo e longo, faz uma recta de arremetida, por entre os peryguassús esparramados no horizonte horizontal.

Lá apparecem as torres da velha Iguape.

A velha cidade

Estamos em 1860, data das ultimas casas. A cidade esmagada pelos seculos. Na realidade, estamos em 1830. Na verdade, lembramos occasiões mais remotas. As casas pesadas, paredes de metro e



...um pila...

meio. Ostentações coloniaes borradas de fuligem. Casinholas baixas, de telhados abahulados com matto crescendo. Ruas desertas, compridas... Transeuntes raros. Sol.

Na manhã seguinte, emmantilha-se de neblina a igreja colonial atarracada, de altas torres como dois braços muito abertos.

Pedra. Pateo largo, de capim e pedra. Peso. Tudo pesa na cidade, numa insistencia de parar no tempo.

Aguas quietas. Muito longe, o estrondo do mar por fóra da Ilha Comprida. Mas abafado, quasi branco, tambem, como a neblina, como as casas caiadas, os muros extensos, kilometraes.



"...estamos em 1830"

alvo, immobilizando os rythmos.

Desde o Ribeira, as phrases são cantadas, ou na bocca dos piracuáras, ou na dos caiçáras. Pa-

lavras com tendencia para alongar. Táboa é tabúa. Reproduccão verbal do gesto longo dos remadores.

Na bruma da manhã, 6 horas, os sinos do Senhor Bom Jesus começam a cantar. Sente-se bem o passado. Evocação de telas antigas. E um vago lyrismo.

Nisto, da porta da igreja granitica, esfuminhadas na nevoa, um vulto, outro vulto, de capas negras, fichús negros envolvendo cabeças curvadas. Vagarosamente, esgueirando-se pelas ruas que dão ao páteo. São senhoras que vêm da missa matinal.

Mar Pequeno

Uma canôa, de vela aberta, na fulguração branca do meio dia. Rumo de Cananéa, pelo Mar Pequeno. Entramos por um jardim de aguapés. Céu limpo, rumor das aguas na maré montante. As arvores atoladas do mangue vêm espiar a canôa.

A ilha dos mysterios sem mysterio

Cananéa sorridente no porto magnifico. A noite tranca a paizagem a sete chaves. E o mar



bravo metralha, a noite inteira, os rochedos do Bom Abrigo, como um rumor pluralizado de motores. Lendas de corsarios e thesouros enterrados. E dragões do mar, com corpo de jamanta e olhos phosphorecentes. Alta hora, os Boitatás dansam a sua dança de cobras de fogo na barra tenebrosa. E as estrellas ficam paradas, piscando, para vêr.

Historias de navios piratas e ruinas seculares. Narrativas de navios negreiros, dos tempos tragicos do trafico. Martim Affonso de Souza e o bacharel de Cananéa.

* * *

A manhã incendeia festival os panoramas mais bellos da região. Vou vêr os canhões largados, de 1531. Trazem as armas de Portugal. No morro de São João, a caixa d'agua construida pelo primeiro donatario. E matto virgem.

Uma figueira enorme esconde, dentro do tronco, uma columna de pedra. Vê-se bem, através de uma fresta da arvore. Acompanha-se o alicerce de uma antiga casa senhorial, com vestigios de piscina e jardins. E uma columna enigmatica de pedra, com retorcimentos mystérios indicando rumos. Robinson Crosué e historias maravilhosas de Julio Verne. E' bem possivel que por ali andasse o capitão Grant. Decerto

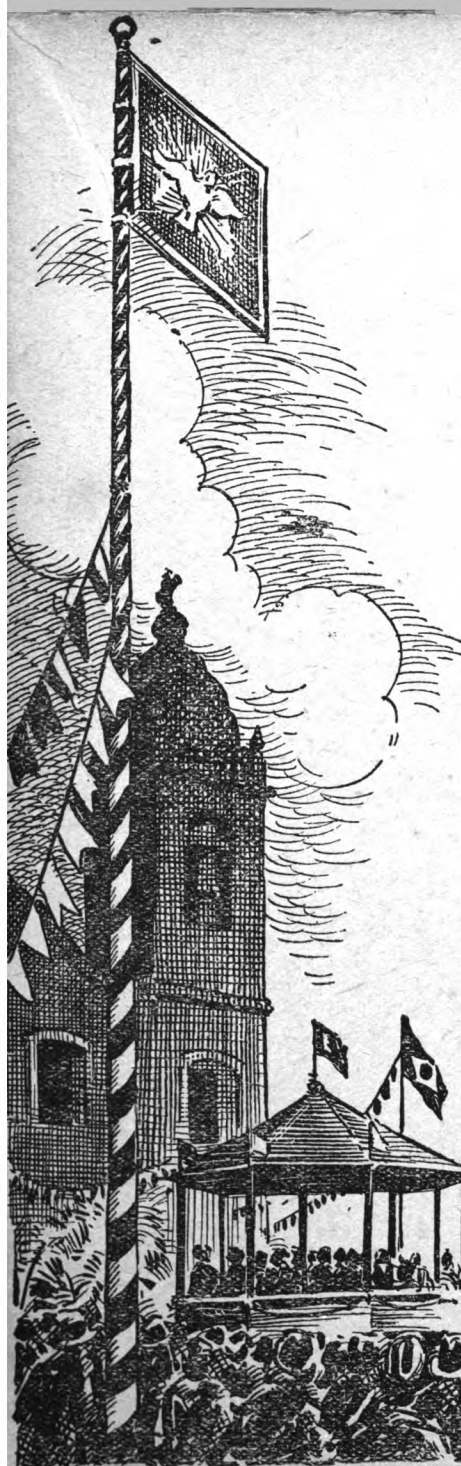
foi numa das ilhas. Numa dellas ha uma tóca subterranea que, na maré vasante, mostra uma parte do seu interior. Quem tiver coragem de entrar decerto encontra a fortuna enterrada. Decerto acha um roteiro.

Ao redor, as serras do Taquary, do Itapitanguy. Luminosas, ao sol.

E a cidadezinha quieta. E a igreja modesta, secular, de onde saem procissões tristes na Semana Santa, como a vaga tristeza dos homens acostumados a ouvir a cantiga soturna do mar.

A cidade está esperando o dia do seu progresso. A longa e heroica espéra das cidades brasileiras. Porque o paiz é muito vasto e a nossa historia é muito curta. Tão curta, que esbarramos com o mysterio de quinhentos annos.



A detailed black and white woodcut-style illustration on the left side of the page. It depicts a tall, cylindrical lighthouse with a spiral pattern and a lantern room at the top. To the left of the lighthouse is a flagpole with a large flag featuring a bird emblem. In the foreground, there is a small, ornate gazebo with a tiled roof and pillars, where a group of people is gathered. Several flags are flying from poles near the gazebo. The scene is set against a background of stylized clouds.

A

alma

das

tradições

A folia

OLHA, na paizagem verde, aquella mancha vermelha! Vem de longe o rufo dos pandeiros. Parece uma aza rubra, palpitando ao vento. No fundo da varzea, pela estrada de argilã côr de chumbo. Esvoaça por entre os casebres côr de chumbo. Uma porteira se abre. O “mangueiro” recebe com festa a ave escarlata que desfralda a aza palpitante na ponta de uma haste esguia. As violas gemem. Ronca, sonóra, a caixa-surda. Gritam os cavaquinhos. Crescem as vózes.

São os “foliões”. São elles, que vieram de longas jornadas, que passam, apenas, alguns instantes pelos povoados, e seguem, de novo, errantes e bohemios. E’ a Bandeira do Divino. Toda encarnada se agita. Ella, tambem, que possui a alma inquieta dos ciganos e a alegria das aves...

* * *

Estão desapparecendo, aos poucos. A ultima vez que vi uma “folia” foi na zona do Ribeira de

Iguape, e a primeira vez, no interior de Minas. Agora andam, certamente pelos mais remotos sertões da nossa terra, esses beduinos brasileiros contractados pelos “imperadores” do Divino Espirito Santo, para angariar esmolos com que se farão as grandes festas annuaes.

Folk-lore

A festa do Divino são sete dias ruidosos nas cidades pequenas do meu paiz. No ultimo dia, na missa cantada, sorteia-se o festeiro do anno que vem. Então o festeiro velho, o “Imperador”, vae levar, com banda de musica, a corôa e o sceptro ao novo monarcha. Este nomeia o “capitão do mastro” e o “alferes da bandeira”. Durante todo o anno, correm as listas pelos agricultores, que assignam gordas quantias. O “alferes” contracta os foliões, que sahirão pelos continentes, cantando e batendo o pandeiro, gemendo as violas e os cavaquinhos, de freguezia em freguezia, de fazenda em fazenda, a colher tostões, leitôas e gallinhas.

Todo o mundo manda fazer roupa nova para a festa do Divino. E eis que se aproxima o septenario. Dos pontos mais longinquos, chegam os roleteiros, para armar as barracas e começar a jogatina. Chegam tambem as bancas de buzio,

grandes mesas redondas de madeira, onde a caboclada atira os grãos de milho apostando no azar ou na sorte. Chegam também todas as qualidades de saltimbancos: os toureiros hespanhóes, com lindos uniformes; o velho balkanico, de grandes bigodes e a mulher com rodélas de ouro nas orelhas, fazendo dansar o urso e pular os macacos; a gente do circo de cavallinhos, com uma bailarina que alvoroça a rapaziada do logar. Vae principiar a festa.

Pompa imperial

O Imperador e a Imperatriz, que mandou fazer lindos vestidos, comparecem todas as noites á Igreja, sentam-se no throno, que lhe está reservado. A Igreja resplandece. O altar-mór é uma maravilha de luzes. Uma orchestra, que mandaram buscar de fóra, acompanha o “kyrie eleison”, o “venit”, o “tantum-ergo”, enchendo a nave com uma onda luminosa de alegria.

Culto profano

Depois, o baile na casa da festa. Mesas de chá com sequilhos e pão de lot. Até alta madru-

gada, o rumor dos buzios, o rodar das roletas, o vozear nas barracas illuminadas.

No domingo, ultimo dia, matam-se alguns bois, para distribuição de carne á pobreza. Em seguida, vae-se á cadeia, levar almoço aos presos. As moças levam compoteiras de doces de côco, de leite, de cidra, de abobora, de pudins, quindins, suspiros. A banda de musica vae á frente, levando o Imperador. O povo junta-se e vae, para vêr o Zé Peão, que matou tres de uma vez, e cumpre pena de vinte e cinco annos; o Norato, que matou por ciumes da Zulmira, tomando trinta annos no lombo; Zézinho, que espetou um sujeito na ponta da faca.

A procissão

De tarde, é a procissão. Como está bonita! Duas filas de homens de ópas violetas, com seus brandões acesos; duas filas de senhoras de vestido preto e fita vermelha pendente do peçoço; duas filas de pretos e mulatos de ópas brancas e gólas de velludo negro; meninos de ópas brancas e gólas vermelhas; e agora vão passar as moças da localidade, todas de vestido branco e fitas azues na cintura e ao pesçoço; véos alvos esvoaçando sobre

os cabellos. Os andores estão que póde-se vêr! Vieram floristas especialmente para os armar. O de S. Sebastião, com as setas, todo enfeitado de cravos rubros; o de S. Benedicto, sob uma umbella de margaridas e dhalias; o da Senhora Immaculada resplandecendo em lyrios e camelias; o do Coração de Jesus, com aureolas de rosas rubras; e, finalmente, o do Divino, com uma imponencia imperial, levando a pomba symbolica sob uma explosão solar de lantejoulas côr de ouro. A' sua passagem, troam as baterias formidaveis que parece uma batalha. E' o triumpho do Canecão, o fogueteiro celebre nas redondezas. O primeiro triumpho. Porque á noite, diante da multidão magnetizada, as peças de fogos de artifício innundam o céu negro



de chuvas de ouro, de repuxos de prata, de turbilhões de estrellas lilazes, azues, verdes, vermelhas, de discos, esferas, parafusos luminosos, que gyram, por entre tiros de pistolões partindo de fortalezas e navios aereos, simulando phantasticas batalhas.

Modôrra

No dia seguinte, a quietude, a melancolia, a saudade.

Festa acabada, musicos a pé.

Carros deixam a cidade com as barracas dos saltimbancos. Desarmam-se os ranchos dos roleteiros e das bancas de buzio, o circo de cavallinhos e o circo de touros. Sobre a cidade dormente na monotonia, sobre a torre da igreja recortada no azul, os grandes vôos dos urubús e dos gaviões.

Bocejos de homens sentados em tamboretos nos armazens de seccos e molhados...

Saudades da moça da esquina, que se enamorou do tocador de clarineta...

Tristeza...

Aves errantes

E, durante todo o anno, novamente os foliões cantando, batendo os pandeiros, no silencio dos vargedos, nas encostas das montanhas.

Os cabôclos debruçam-se nas janellas humildes. Apinham-se á porta das choupanas. A festa do Divino é tambem para elles a unica alegria do anno, a occasião em que vendem melhor suas leitôas, seus fubás, seus frangos. Occasião tambem em que comprem vestidos novos de cassa e chapéos de aba larga.

Os cabôclos debruçam-se nas janellas humildes.

Velhas, lenço atado á cabeça, moças de saias de chita, homens de camisa vermelha com quadradinhos pretos, creanças com os olhos radiantes de felicidade.

Na monotonia das semanas sempre iguaes, a passagem dos foliões é um acontecimento. Os cães ladram; depois, correm a saccudir as caudas.

A bandeira tem uma corôa imperial no alto da haste envernizada. Ao centro da corôa, uma pombinha parda, o bico de ouro. E' o Divino. As pontas da bandeira estão ensebadas de beijos.

Os foliões cantam:

*Deus que ajude, que proteja
toda a gente desta casa...*

Vózes mais grossas, contrabaixando repetem:

Desta casa... Desta casa...

Clamam os pandeiros. Gritam os cavaquinhos.
Chóram as violas. A caixa surda retumba.

— Bamo chegá! Sem ceremônea...

Os foliões entram.

O sol estála no
terreiro as vagens secas
de feijão.

No fundo de um
q u a r t o está um
doente. Faz 15 dias
que geme de febre. Já
lhe deram todas as
mésinhas, garrafadas
de raizes com pinga.

Conservava-se, até ha pouco, desanimado.

Mas eis que uma viva esperança o sacóde, quando
escuta ao longe o rufar dos pandeiros. Alguem lhe
diz: “E’ a visita do Divino”.



— Meu Divino, me sáre desta “brava”

Os foliões põem-se a cantar. São versos em que se mesclam improvisos de velhos desafios, reminiscências de congadas e canções religiosas.

No fundo das canastras encontram-se os nicks, no gallinheiro alguns ovos. Ha tambem um frango reservado para o Divino. Por ocasião da peste da “manqueira”, destinaram-lhe um bezerro.

Lá fóra, o céu azul, dominador. A estrada longe, com manchas moveis de cavalleiros passantes.

Bate o dente do monjolo triturando a farinha. As aguas cantam na bica de madeira.

Rutila o sol.

O dono da casa péga a bandeira com respeito, leva ao quarto do doente. Quasi não enxerga, na escuridão de janellas fechadas e restecas agudas de sol que rasgam como espadas a pelle negra do quarto. O doente estende as mãos e a bôcca:

— Beije, que é a saude.

— Meu Divino, me sáre desta “brava”!

* * *

Estrondam os pandeiros! Exultam em côro viólas e cavaquinhos. Saltam bojudos e alegres os baques surdos da caixa. Os foliões despedem-se :

*Que o divino Espirito Santo
Vos proteja, vós augmente...*

A algazarra dos pandeiros cresce, avulta, domina como um furacão de alegria.

Os cachorros latem espantados.

O sol canta nas varzeas, nas montanhas, no céu. Lá longe, um coqueiro, muito immovel, escuta...

Os foliões partem. Foi a alegria que passou. Tudo recae no marasmo. Já se perdem, no panorama infinito, os rufos dos tambôres... Na distancia pardo-azul, a nota vermelha da bandeira...

Novamente o silencio apodera-se do varjão. Silencio tão profundo, que se escuta distintamente (e unicamente!) como a cadencia de um pranto, a fatalidade de uma condenação perenne, as pancadas rythmicas de uma enxada, mordendo a gléba, triturando a solidão...



O
rio
sagrado

MANHÃ de novembro, em Propriá.
Tenho diante de mim o S. Francisco.

Ao longe, num céu azul desmaiado, a Serra de Maraba.

Na curva do grande rio, emergindo de capoeirões ralos, a povoação de Villa Real do Collegio, onde o capitão Virgolino, o famoso Lampeão, dizem-me que está homiziado.

Meu quarto abre a janella justamente sobre as aguas placidas, remançosas, que rôlam num murmurio imperceptivel.

São cinco horas da manhã. Meus companheiros de viagem ainda dormem. Ergo-me para conversar com o mais brasileiro dos rios.

Quero contemplal-o, longamente, em silencio. Quero meditar sobre o seu destino historico. Cresci, ouvindo de meu pae tres biographias: Osorio, Floriano e o rio S. Francisco...

Sempe pensei em vir vêr o S. Francisco. Este rio é, para mim, de uma significação profunda. Porque tem um destino igual ao meu.

Eis o dia do nosso encontro. Esta scena tem para mim uma grandeza épica.

Sobre a cidade adormecida

Propriã está dormindo. As palpebras das janelas cerradas á luz da manhã. A feira, desde hontem installada com suas barracas, tambem está dormindo. Nas aguas verdes, apenas as primeiras canôas, os primeiros barcos.

Este rio veste os vestidos mais diversos durante o dia, nas variações da luz, para mostrar as riquezas do seu guarda-roupa. Agora, está vestido de verde. De certo para conversar commigo.

Escuto, nitidamente, o bli-bli de beijos leves



na viração quasi imperceptivel. E o guaiar das aguas...

As fachadas das casas em semi-circulo, acompanhando a curva do rio, são roseas, azues, verdes, como lanternas chinezas festivas.

Desperta em mim a alma do reporter. Quero entrevistar este grande heróe que, em quatrocentos annos de historia, traz para o Norte as palpições do coração do Centro.

Eu vim acompanhando o litoral; elle veio contornando a linha das montanhas interiores. Esta-va marcado no livro do Destino que o nosso encontro seria em Propriá.

Voando para o Norte

Apresento-me. Eu vim de avião, pela costa brasileira; em Aracaju', penetrei no sertão. Estas notas são rapidas como a velocidade do quattrimotor que me trouxe do Rio. Levantei vôo na ponta do Calabouço; tenho na memoria o panorama da bahia de Guanabara, no lusco-fusco matutino: a Gavea, o Corcovado. Passo por cima do Pão de Assucar. As ondas espumejam nas muralhas dos fortes de Santa Cruz e S. João e lambem a cabeça calva da fortaleza da Lage.

Transpomos a barra. Aos nossos pés, um mar azul-escuro que se estende até á linha branca de Copacabana e se perde para os lados de Mangaratiba. O contorno da costa se desata.

Provincia Fluminense As lagôas da planicie abrem seus olhos para espiar o avião. No meio dos bosques e das culturas, aldeias, povoados, com suas igrejinhas, suas ruas de muros, ermas, suas arvores frondosas, tractos amaveis de paizagem, nos pormenores das estradas e dos trilhos, reçumando a doçura da terra brasileira. Os rios serpeiam indolentes; multiplicam-se os caminhos ruraes.

A' esquerda, montanhas e florestas. Voltamos a pairar sobre o mar. Lá está a Barra de São João. Dominamos, novamente, a terra: lá está Barcelos. Vejo o rio Parahyba, meu velho Parahyba.

Macahé ficou para traz. Longe, desponta uma grande cidade. Passamos, agora, por cima de pequenas nuvens, alvas como véos de noiva, que ornarn, leguas e leguas, os panoramas. Que resplendor! A minha terra, a terra do Brasil, está vestida de noiva. Esperando o seu Principe Encantado. Que tem tardado tanto...

O avião avança. Estamos sobre Campos, com suas praças, o rumor de suas usinas, o perfil de suas torres, suas pontes sobre o Parahyba.

Acompanho, cá em cima, no mappa, os relevos, ponto por ponto, da terra fluminense. Mas eis que entramos na Provincia do Espirito Santo. As formidaveis florestas. As serranias. Os imensos blócos de basalto e granito, emergindo das mattas virgens. O Oceano que estoura.

O sol vae alto... Eis Victoria, a capital capichaba. A ermida da Penha, no pincaro da montanha; o Penedo, o estreito, o casario esparramado pelas encostas dos morros...

Amerissamos. Decplamos. Novamente no espaço. Começa um nevoeiro terrivel. Já não vemos nem mar e nem terra. O estrondo dos motores domina tudo. A velocidade é incrível.

Eis que passamos a cerração. Um sol amarelado reflecte-se no mar. E o mar tem uma côr de ferro novo, azulado, com scintillações de prata.

Eis Caravellas! Eis a terra bahiana! Avancamos. Vi Cannavieiras. Avancamos! E...

“... tendo-se afastado da Costa d’Africa, para evitar as calmarias, veio encontrar, no Occidente, uma terra desconhecida...”

Bahia! Bahia! Bahia de Todos os Santos! Bahia de trezentas igrejas! Montanhas de casas. Remansos de enseadas. Perfil de Itaparica. Recordações de Paraguassu’. A voz do padre Vieira. O castello da Torre. Governadores Geraes. Ouvido-

res. Capitães-móres. Frades, frades e frades. Coqueiros. Palacios senhoriaes abanados de leques verdes de mangueiras, jaqueiras, de pomares ensombrados. Esquadras de canhoneiras á vela. Combates no mar. Piratas e invasores. Espadachins de escopeta e fidalgos de espada. O forte S. Marcelo. O pharol. Os arranha-céos. O elevador. Verde do matto, azul do céu, e o colorido vivo das caras das casas que sabem anedotas do tempo de D. João VI...

* * *

Aracaju' caminhou para o avião, com suas praças e florestas de coqueiros, na manhã lustrosa. Mostrou-me durante todo o dia as suas bonitezas.

A noite cahiu. Dormi no regaço da cidade das dunas brancas e dos comoros macios com verdes cabelleiras de palmaceas.

O sertão

Eu vi as cidades de Sergipe. Laranjeiras, florida e alegre. Maroim, activa e industrial. A Capella é grande e patriarchal, habituada a receber visitas de Lampeão. Carmo é aspera e romanesca. Bôa para se fazer novellas que se passem nas suas

casas antigas. Parada e silenciosa, Rosario dormita ao sol.

Escurecemos na estrada. Já não é mais estrada, é trilho. O firmamento coru'sea, nunca vi tanta estrella! Vou estudando geographia brasileira: Marcação, Miranda, Moribéca, Espinheiro...

Zonas de canna, valles umbrosos, encostas de cerradinhos. Depois, a caatinga. Sombria. Pensativa. Com mandingas e bravuras. Vaqueiros. Ser-tão...

Noite alta: Propriá!

Na gloria da manhã!

Eis que a cidade desperta! Cantam sinos! O sol resplandece, desde as cumiadas da Serra da Tabanga, aos doces relevos de Maraba.

O S. Francisco está se coalhando de barcos.

Canôas de vellas coloridas: vermelhas, amarellas, verdes, azues, como borboletas festivas na apothese desta manhã!

Como é linda a nossa terra! Como é bonito o Brasil!

Canôas de "traquetes", enfunando as duas velas, como duas azas; canôas "latinas", de velas triangulares; canôas "lolós", de pannos quadradados e pandos. São barqueiros, que remam de

“zinga”, o remo á pôpa; são remos de vóga. Canôas largas e pesadas, com toldos, todas pintadas a côres alegres; canôas pequenas, onde os pescadores levam o “covú”, longo cesto afunilado, ou o “gererê”, que é uma rêde de cabo, com que se apanha o “surubi”, o “camorim”, o “camorupim”, a “piranha”.

E’ a festa matinal do grande rio.

Canta nas aguas verdes e onduladas, nas margens emmolduradas de capoeiras verdes, nas vidraças das casas, no borborinho da feira com suas barracas, nos telhados, nas praças, uma alegria colorida e vibrante.

Familiaridade

Tomei banho na agua do S. Francisco. Andei de canôa no S. Francisco. Bebi agua do S. Francisco.

Agora me sinto mais brasileiro.

— “Sim”, diz-me o rio sagrado da Patria — “nosso patricio, o Amazonas, a mãe delle se chama Lagôa Titicaca e o pae delle se chama Solimões, porque o Amazonas nasce na Bolivia, depois é que se naturaliza brasileiro. Gostou tanto de ser brasileiro, que engordou. Bebeu muitos rios e ga-

nhou importancia. Lá na ilha da Caviana, foi brigar com o mar, porque o mar veio da Europa. Tudo isso é verdade. Mas a agua do meu corpo não tem nada de estrangeiro; vim da Serra da Canastra, sertão de Minas Geraes”.

O murmurio das aguas fala-me das regiões sertanejas por onde o S. Francisco andou. E’ rio viajado. Tem visto muitas coisas. Guarda, na memoria, as imagens das cidades que vieram contemplar-se no espelho de suas aguas.

Já estamos camaradas. A canôa deslisa. Elle me carrega nos hombros, como um S. Christovam. Para me mostrar suas margens.

— Isto aqui não é nada. Em Paulo Affonso, tenho uma escola de gymnastica. Faço acrobacias. Sou especialista em pular de alturas. E’ um estrondo damnado.

*“...as cidades que vieram contemplar-se
no espelho de suas aguas...”*



Estou encantado com as habilidades do S. Francisco.

— Também sei fazer innundações muito bonitas. Quando bebo as nuvens, arrebento pelas varzeas, arranco as arvores, caminho leguas fóra do leito. Para passear, que também cança estar correndo sempre no mesmo lugar.

Ha uma doçura ingenua e candida no gorgulhar das aguas. Ha um canto de simplicidade na alma infantil do grande heróe.

Heróe da Unidade Nacional.

Potamographia

Nasce na Serra da Canastra, em Minas Geraes, formando, logo após a cascata denominada "Casca da Anta".

Bambuhy e Dôres do Indayá vêm mirar-se nas suas aguas.

Vae visitar Abaetê, ver a igreja, as casas, a gente da cidade. O Rio das Velhas marcou encontro com elle entre Paraopeba e Genipapo. Vem lhe contar antigas lembranças de Sabará e da vizinha Ouro Preto. Historias antigas de Marilia, do poeta Dirceu, de Claudio, de Alvarenga; saudades das sombras das igrejas que reflectem os sonhos de pe-

dra esculpidos pelas mãos do Aleijadinho; orgulho das bacias auríferas; importancia de quem passou perto da Capital. Juntos correm, agora, no mesmo leito, conversando, misturando-se, confundindo-se num só destino...

“Espera, S. Francisco, nós também queremos ir para o mar”! E’ o Paracatu’, que vem falando no meio do matto; é o Pardo, que vem espiando os logarejos dos valles; é o Pandeiro que bate as águas marcando a dança das borboletas.

Antes de attingir o Jeporé, o S. Francisco faz uma visita de cortezia a Januaria.

Rodam os navios de roda. Navios do S. Francisco. Guinadas pelos barrancos, procurando os rebojos. Com familias. Com palestras commerciaes e politicas. Lendas. Cantigas. Commercio de mercadorias e commercio de costumes. A alma brasileira á flor das aguas.

Carinhanha. E, agora, é a Bahia. Agglomerados humanos. Igrejas. Sempre igrejas. Tropas de burros. Carros de bois. Gado. O largo da Matriz. Os armazens de seccos e molhados. O chefe politico. As mocinhas casadeiras. As bandas de musica. Rojões. Festas religiosas. Carinhanha, Bom Jesus da Lapa, Urubú, Barra do Rio Grande, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé,

Casa Nova, e Joazeiro espiando Petrolina, do outro lado, em Pernambuco.

E o tropel atropelado dos afluentes. Correm pressurosos desde a Serra de Taquatinga, o Correntes e o Grande. Elles teem urgencia porque passam por zonas deshabitadas. Do lado direito

vêm chegando o rio das Rãs, o Onofre, o Pará Mirim, o Verde, o Jacaré, o Patamon-té. Todos escutaram a vóz de recrutamen-to do S. Francisco.



"O capitão Virgolino, montado no seu cavallo..."

E, agora, pleno sertão de Pernambu-co, com as mesmas igrejas, os me s m o s pateos, a mesma gen-te bronzeada: Bô a Vista, Cabobró, Jato-bá. E, em Alagôas: Pã o de Assucar, Traipú.

Sergipe vem trazer as cidades suas filhas pa-ra se baptizarem nas aguas do rio sagrado: Pira-nhas, Bom Successo, Propriá.

O rio Santa Brígida vem do sertão da região dos Cariris trazer lembranças dos panoramas negros, das montanhas escavadas e asperas como eremitas. São os mesmos quadros guardados no álbum de lembranças do velho Moxotó.

O S. Francisco viu os sertanejos de todas essas regiões. Escutou o aboiado longo dos vaqueiros, seus gritos na caatinga, o tropel dos estouros de boiadas, as cantilenas monotonas das noites de luar. Assistiu às tropelias dos cangaceiros. Conheceu o Lampeão pessoalmente. O capitão Virgolino atravessou de um barranco para outro, montado no seu cavallo, com sua roupa de couro, seu chapeirão, seus olhos pretos, seu clavinote, seguido do "Corisco", do "Canhoto", do "Perneta", do "Furacão". Atraz delles retumbou a descarga dos rifles da policia sergipana.

Testemunha dos crimes de tocaia. Testemunha dos assaltos a mão armada. Testemunha de assassinios e violencias, de rezas e benzeduras, de noites tragicas e manhãs gloriosas.

Chronista velho das façanhas dos Bandeirantes. Personagem na historia de todos os municipios que percorre. Estrada liquida transportando, distribuindo, diluindo por toda a parte, a alma nacional e o sentido profundo da Unidade do Brasil...

Dentro da noite

Vou para Penedo. Vou viajar no S. Francisco. Vou numa lancha grande descer o rio de noite. Quero sentir o Brasil numeroso, o Brasil completo, as aguas de todos os Brasis que o S. Francisco ajuntou para trazer aqui. Quero sentir no marulho nocturno, que eu escutarei na prôa, sózinho e calado, com um cigarro acceso entre os dedos, o canto amoroso das cidades mineiras, das cidades bahianas, pernambucanas, sergipanas, alagoanas — cidades do meu Brasil!

Quero sentir, no escuro da noite, quando tudo fôr negro na terra, o S. Francisco mais perto de mim, para que a minha alma se console na unidade nacional, que canta no meu sangue, como os borés selvagens e os écos das vózes dos Bandeirantes, meus avós, quando andaram descendo e subindo os rios brasileiros!

Adeus! Adeus! Propriá! de largas praças na encosta, de casas coloridas á beira d'agua, de linda feira rumorosa, com pilhas de potes, panelas, mo-ringas, gamelas, pichorras, canecas de barro com desenhos ingenuos de urucu' e de genipapo, e carne de macaco e tamanduá, seccas ao sol. Adeus, Pro-

priá, vou-me embora. O rio S. Francisco vae me levar...

* * *

A lancha entra no rio. O rio entra na noite. A treva nos envolve. As aguas cantam baixinho. E' a hora do mysterio.

Vejo, então, do fundo do S. Francisco, virem subindo as estrellas. A escuridão acentua-se. O rio faísca num deslumbrante esplendor. Todo o hemispherio fulgura na lamina das aguas. Parece que estou navegando, não num rio, mas no infinito, passando sobre a Via-Lactea. Ha uma transsubtanciação dos panoramas nocturnos: o do céu e o das aguas. São dois espelhos juxtapostos no milagre desta noite de novembro.

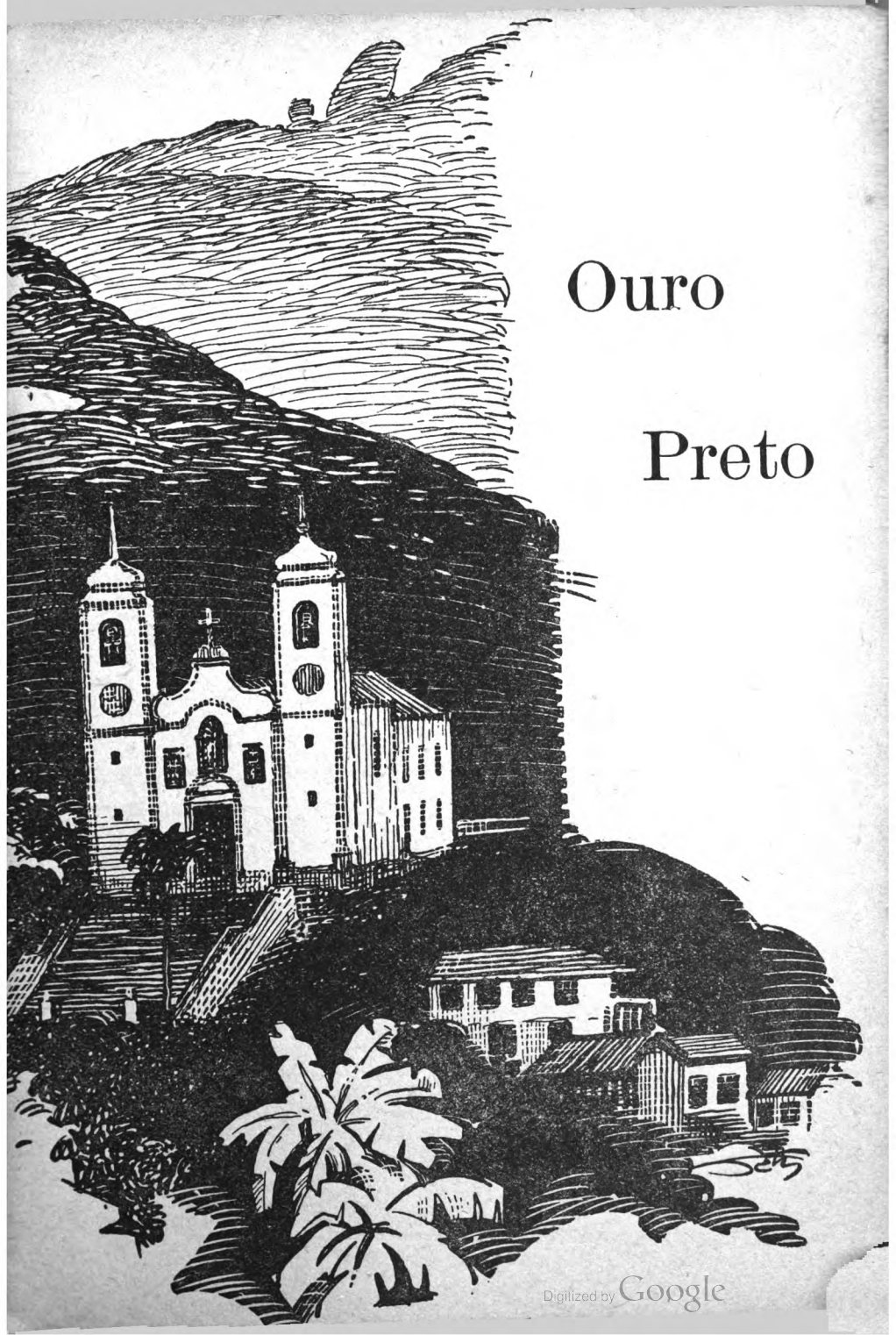
Abstrahio-me, absorvo-me, evado-me á realidade. Já não escuto as vózes perto de mim. O fulgor do rio e do céu, a escuridão da noite, o canto suavissimo das aguas se apoderam dos meus sentidos. Na magia da natureza brasileira, uma subtil, imponderavel emoção me eleva.

Wagner! Wagner! Onde estão os interpretes brasileiros das harmonias universaes ? Quem traduzirá a transparencia destes rythmos e a quintessencia deste sentido cosmico na terra barbara, palpitante de segredos?

A noite! A noite! No alto, o Cruzeiro. Resplandecente, a Ursa. Gloriosos, o Triangulo, o Escorpião. Grandiosas, Argus e Sirio. Em baixo, nas aguas, o esplendor sideral. O rio incendiou-se! Multiplicam-se as fagulhas. Já não se distinguem os pyrilampos dos astros, as phosphorescencias da terra, os reflexos das aguas, da Via-Lactea offuscante. A noite! A noite!

* * *

Aquella estrella! E' como o vaso de S. Graal ! Está ao alcance do braço! Quem poderá trazel-a, na ponta dos dedos, enquanto cantam todos os astros no phantastico esplendor do rio sagrado?



Ouro

Preto

O trem penetra no corredor negro das montanhas de ferro. Sombras de paredões a pique. Ar soturno de segredo.

A presença do Ouro e da Historia.

Aperta-se a garganta petrea engulindo o comboio. Longa Sala dos Passos Perdidos. Vestibulo confidencial da nave mysteriosa, onde o Brasil assiste, onde o Brasil se faz anachoreta, para as meditações setecentistas e o canto abafado dos velhos psalmos...

As boccas negras das minas estão abertas ha duzentos annos, como gritos de treva da terra espantada, como gritos dos seculos mortos, petrificados diante do trem que avança, com apitos e rumores de ferros nos trilhos sonóros e as exclamações dos viajantes.

Subito, numa surpresa instantanea, — a estação.

Kaleidoscopio

Igrejas. As montanhas olham umas para as outras. Fina e leve, prateada de raios de sol, a

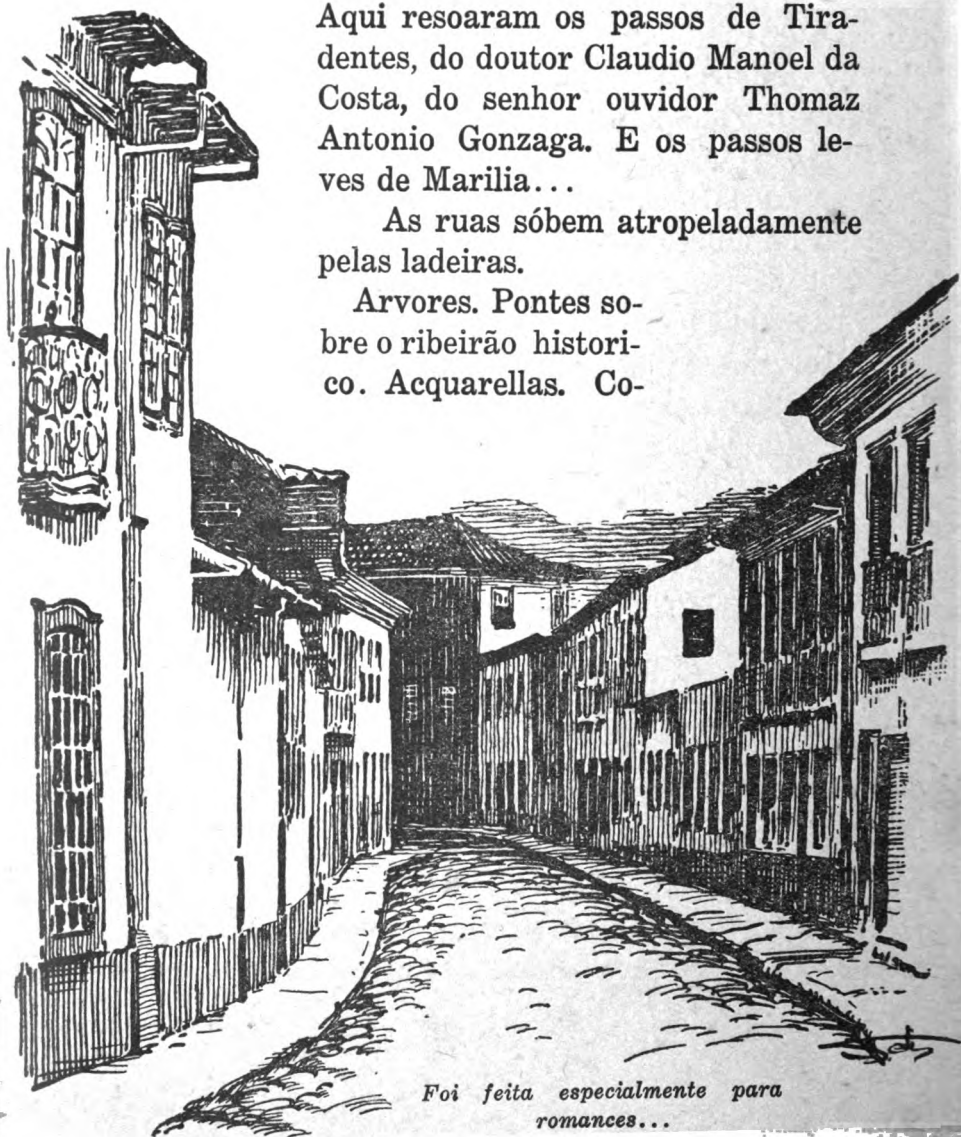
garôa está empoando a cidade dos tempos de Luiz XV e D. João V. Igrejas.

Piso este chão com respeito.

Aqui resoaram os passos de Tira-dentes, do doutor Claudio Manoel da Costa, do senhor ouvidor Thomaz Antonio Gonzaga. E os passos leves de Marília...

As ruas sóbem atropeladamente pelas ladeiras.

Arvores. Pontes sobre o ribeirão histórico. Aquarellas. Co-



Foi feita especialmente para romances...

loridos vivos das casas coloniaes. Azul, amarello, rosa, verde, com a prata rebrilhante das grades das saccadas.

Igrejas.

Espio Ouro Preto de todos os pontos, por todos os lados, tomando todas as perspectivas. E' a mais linda cidade que já vi no Brasil! A mais magestosa, sem dar por isso. A mais viva, apesar de a chamarem morta. A mais gostosa...

Foi feita especialmente para romances. Os romances que nunca se escreveram. Foi feita de encommenda para Shakespeare; poderia, tambem, ser utilizada, pelos poetas symbolistas. E, tambem, serviria para as novelas rubro-negras de capa e espada.

Mas, ninguem deu por isso.

A opinião dos srs. prefeitos passou em julgado: pessima topographia (queriam que fosse plana); ruas tortas (queriam que fossem muito comportadinhas e alinhadas); montes de casas velhas (queriam "bungalows" de telhas francezas...)

Cinderella

" era uma vez uma menina, que tinha muitas irmãs. O Principe do logar offereceu um gran-

de baile, no seu palacio real, pois queria, dentre todas as donzellas do paiz, escolher, a mais formosa, porque o Principe estava para se casar. A menina, pobrezinha, que tinha muitas irmãs, viu, com lagrimas sentidas, numa carruagem deslumbrante, suas irmãs partirem para o baile. Ella não possuia sinão um vestido humilde sobre o corpo. Ficou só-sinha, com a sua tristeza, na immensa noite desconsolada, junto ao borralho do fogão. Mas, eis que uma Fada bemfazeja appareceu-lhe. Com uma varinha, restaurou o seu vestido velho, que resplandeceu maravilhoso. Com a varinha fez surgir uma carruagem. E vistosos criados de luzente farda. A menina, que chamavam, por escarneo, a Gata Borralheira, appareceu no baile do Principe, offuscando a belleza das mais bellas..."

* * *

Ouro Preto! Ouro Preto! Cinderella do Brasil! O Brasil é o teu Principe! A Alma Nacional é a mysteriosa Fada bemfazeja!

Eu vi Bruges na Belgica, Amalfi e Perugia na Italia, Burgos na Hespanha e Coimbra em Portugal. Mas, para mim, não ha como você!

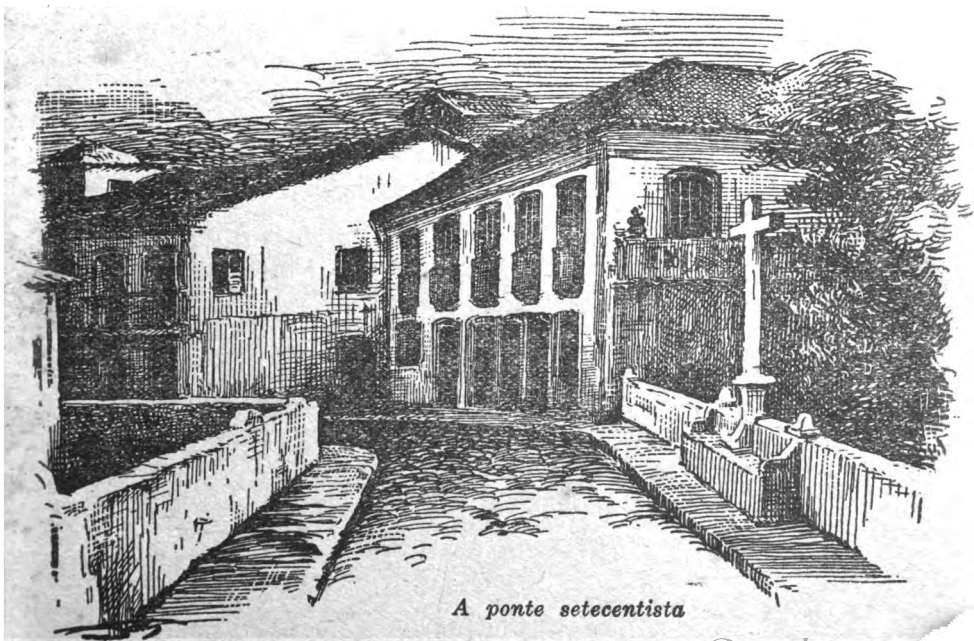
Onde poderei sentir, ao mesmo tempo, a Historia, a Architectura, a Paizagem, a Lenda, a Poe-

sia, a Tragedia, o Ouro, os Minerios, e estas montanhas tão solennes como estes templos?

Na Ponte Setecentista

Lá vae uma trópa de burros guizalhando os sincerros. As cangalhas enfeitadas de bandeirolas, os peitoraes entrelaçados de fitas multicôres. Eis que passa por sobre a ponte setecentista da Casa dos Contos. Do logar onde estou, vejo o perfil da ponte. O arco romano esborcinado emmoldura-se de trepadeiras rôxas. O fundo do quadro é um trecho de fachada colonial de paredes roseas.

Um pintor! Depressa, um pintor!



A ponte setecentista

A Casa dos Contos

Fachada harmoniosa. Atrio amplo. Escadas largas, como dignidades. Debaixo delas, naquella cubiculo, suicidou-se, ou foi assassinado o inconfidente Claudio Manoel da Costa.

Subimos. Salões imensos. Portas immensas. O forno de fundir ouro. A chaminé.

Casa dos Contos. Contos de réis, contos de lanças, contos de Fadas... Casa das Mil e Uma Noites. Onde está Sherazade? Onde está, para me contar todas as historias maravilhosas do ouro que por aqui passou?

Quero a lampada de Aladim, para penetrar estes mysterios.... Anda, por tudo isto, a alma da Colonia. Dos tempos em que o Brasil estava nascendo.

Cartas regias, alvarás, bandos, confiscos, prisões, pelourinho...

A aventura, os dramas, os sonhos, e, dominando tudo: o ouro, o ouro, o ouro... Casa enorme, de largas escadas e vastos salões...

Palacio das lendas, com a alma de Sherazade no seu silencio de pedra...

Cliché de madeira

"Is, quæ potatum, cole, gens, pleno ore Senatum securi ut sitis, nam facit ille sitis"

Chafariz colonial de arabescos solennes.

Uma bilha, uma concha, a cimalha imponente, o frontão trabalhado em pinhas.

Espírito claustral. Physionomia classica, a lembrar Tito Livio, Horacio, Juvenal, com a evocação de velhas sachristias e infolios amarelllos.

Chafariz com latim, á sombra do velho muro, sobre o qual se debruçam glycinias anacreonticas e o frescor das largas paredes senhoriaes.

Fonte classica, a jorrar por duas boccas; fonte onde os Seculos, em Villa Rica, beberam... e passaram!

Samaritana barrôca, a matar a sêde dos seculos em viagem...

E' a tua vez, Seculo Vinte!

Debruço-me e, attendendo ao distico latino, louvo, de bocca cheia, o Senado da Camara...

O Sr. Conde vae á Missa

Estamos em 1741.

Palacio dos Capitães-Generaes. Sobre a base de pedra, contornando o alto pateo e montando guarda ás altas janellas, guaritas de pedra, á maneira dos torreões conicos dos fortins...

"...reynando El Rey Don João V, Nosso Senhor, e sendo Governador e Capitão General do Rio e Minas Geraes o Sargento Mór de Batalha Gomes Freire de Andrade"...

Fanfarras de "dragões" acordando os écos das montanhas.

Tambores rufando.

Pelo portico toscano que o mestre cantareiro Silva Ruivo talhou no arenito roseo do Itacolomy, vae passar o senhor Capitão General...

Calções de velludo, punhos de renda, cabelleira empoadada e chapéo de bico.

Gelosias quadriculadas com olhares por detraz.

Cadeirinhas coloridas, graciosas e tremulas, nos pulsos dos escravos. Silhuetas de frades. Fardas rebrilhantes á luz do sol. Rumor de passos chouteando nas pedras.

Linda manhã ! Cantam os sinos! O Senhor Conde de Bobadella vae á missa...

Vae tudo bem! Como é lindo o seu séquito!
O Senhor Conde tem hoje um ar despreoccupado.
Vae tudo bem.

Lá, em cima, reflectindo o fulgor da manhã,
brilha o Itacolomy, roteiro de Bandeirantes, com
a imponencia das barbaras ameias de um alto cas-
tello a pique das montanhas de ferro.

Vae tudo bem! Cantam as aves, murmuram
as aguas debaixo das pontes de pedra, e um surdo
rumor subterraneo — baques de bombos, tinir de
alveões nas pedras — marca, na cadencia unifor-
me de um côro, a conquista, palmo a palmo, dos
veios auríferos...

El-Rey Nosso Senhor, de Aquem e de Alem
Mar, tão brilhante como jamais se viu em nenhum
tempo, está bem longe, bem contente dos trabalhos
do Senhor Capitão General, que lhe manda as ri-
quezas da Colonia. El-Rey tem suas necessida-
des. Está construindo as maravilhas de Mafra,
está fazendo trabalhar os mestres ourives, que
na Côrte já se não dá valor sinão a artefactos de
ouro e prata. E o Senhor Conde está contente.
O alto palacio tem o ar seguro das autoridades
tranquillas. E' um decreto real feito de pedra.
Reina paz. O tropel dos "dragões" de S. Magestade
tem um timbre de velhas Ordenações do Reyno e,

resoando nas pedras, onde as ferraduras dos ginetes accendem chispas, vale por alvarás e cartas-regias.

Lá no alto, na curva do horizonte, o perfil das ruínas da cidade rebelde. Como uma lição. Mas, é tão linda a manhã! Tão verde a relva! E aquelle passarinho... Vae tudo bem!

Historia da Cidade Queimada

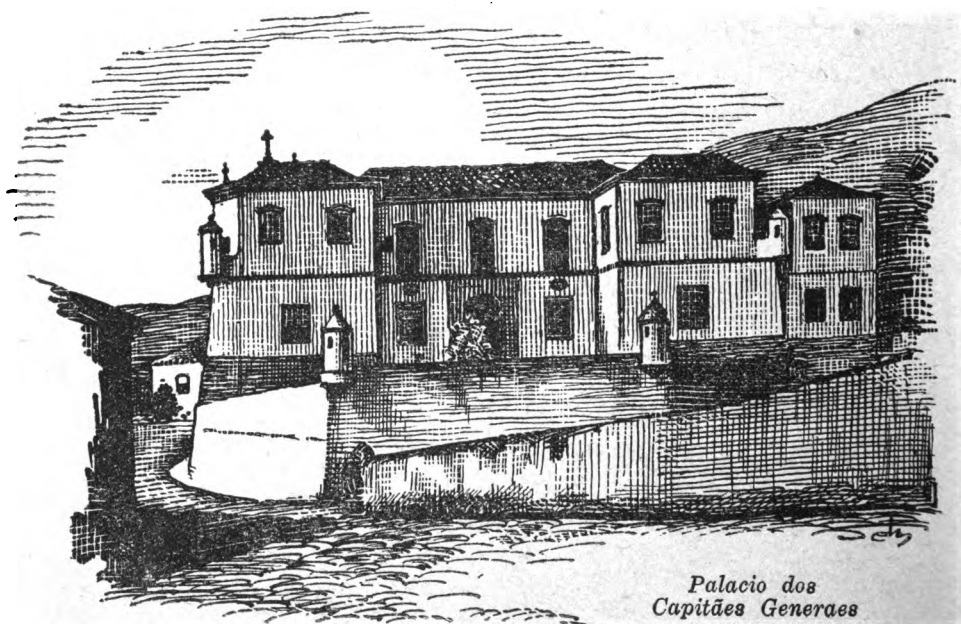
Quatro capitulos apenas.

Capitulo Primeiro — Governa o Conde de Assumar. 1720. (Na crista do espigão, recortam-se aos meus olhos, as muralhas enegrecidas pelo fogo...) O Senhor Conde de Assumar assistia em Villa do Carmo. (Entramos pela estrada humida que se aperta na garganta magestosa da serra, beirando o desfiladeiro.) Veiu um decreto d'El Rey, prohibindo que circulasse ouro em pó. Todos deveriam levar o seu ouro á Casa de Fundição, onde se deduziria o quinto pertencente á Corôa. E quem fosse agarrado em transgressão da lei, perderia o seu ouro, todos os seus bens, e amargaria em degredo nas Indias. (Nossos automoveis passam pela estrada que vae á Marianna, por entre velhos muros de pedra e arcabouços de casas solarengas...)

Ao ser annunciada a lei iniqua, os povos de Villa Rica se levantaram. A gente mais exaltada era a gente do Ouro Pôdre, do arraial altivo de Paschoal da Silva, a cavalleiro dos vales, furnas e socavões, batido pelos ventos largos que varriam as alturas. Com mascarar nos rostos, capuzes e ferragolos, na noite negra, como uma lava em furor, os de Ouro Pôdre desceram sobre Villa Rica. O Ouvidor, Martinho Vieira de Freitas, abalou para o Carmo. E, como se lhe extraviasse, de caminho, a concubina, chegou em grande colera ao Palacio do Conde de Assumar.

Capitulo Segundo — (Passamos por um trecho ainda calçado da cidade insurrecta. Estão intactas as frontarias de alguns predios de grossas paredes de pedra enegrecidas de fuligem secular, vastas portas e janellas de linhas coloniaes. O musgo cresce como barbas nas faces humidas das ruinas. Lichens ridentes põem uma nota viva nas cimalhas esborcinadas...) A vóz de Felipe dos Santos, chefe e tribuno da plebe, retumbava, como um clarim recrutando os continentes. Mais de dois mil homens armados fortificaram-se em Villa Rica. E uma commissão levou a intimativa a D. Pedro de Almeida, o poderoso Conde de Assumar. (— Olha! aquelle bello portão, com a ci-

malha partida, onde o matto brotou! E aquelles alicerces de cantaria... Trechos de ruinas espiam-nos pelas frestas das arvores...) O Conde de Assumar chamou os seus "dragões". Soltou depressa um "bando", a annunciar o addiamento das medidas do decreto real. Mas o povo não acreditou no Conde. Sob o commando de Felipe dos Santos, cercou o palacio do Capitão General. E D. Pedro de Almeida sorriu benevolente, chamou a todos de amigos, tudo cedeu, tudo assignou, curvou-se a tudo. (Vê-se d'aqui um grande trecho do arraial destruido. E' uma ossada negra batida pelas rajadas alpestres...) O Senhor Conde de Assumar preparou tudo escondido. Alta hora da



Palacio dos
Capitães Generaes

noite, com seus “dragões”, com mil e quinhentos escravos armados, sahiu sorrateiro de Villa do Carmo. (Um vetusto chafariz nos contempla como testemunha ocular da tragedia. Ha quanto tempo já não escorre agua da bocca de pedra? Ali está como uma illustração em cliché de madeira, numa pagina molle e amarella de antigo livro de capa de couro e anjinhos barrôcos...)

Capitulo Terceiro — Os rebeldes foram apanhados dormindo. Vózes de prisão e algemas de ferro. Começou a destruição e o saque. Depois, o incendio. Parecia um vulcão que houvesse reben-tado no alto da montanha de Paschoal da Silva. Mas, era a colera do Senhor Conde de Assumar. O arraial ardeu a noite toda e varios dias. Ainda fumegava quando Felipe dos Santos foi amarrado ás caudas de quatro cavallos bravos, no largo da Matriz, onde eu vi as mesmas casas d’aquelle tempo, com o mesmo ar de espanto e de terror, como que me dizendo: “Nós vimos! Nós vimos!”

Capitulo Quarto — Uma vegetação verde, ridente, cobriu piedosamente a nudez da cidade de Paschoal da Silva. No lugar dos telhados, as cópas das arvores amigas. Substituindo os rebocos, os musgos carinhosos. Enflorando os oitões, trepadeiras abrem os braços em abraços ver-

des. Nas velhas eiras, resplandecem capoeirões
barbaros. Nos beiraes derruidos pompeiam para-
sitas alacres.

Lanterna magica

Villa Rica de noite. Oratorios nas esquinas.
E' a illuminação setecentista. De espaço a espaço,
a lampada mortíça unge o trecho de rua com o
clarão bruxoleante.

Esgueiram-se vultos pelos muros de canga.

A garôa peneira. Gemem as gottas d'agua nos
beiraes.

Um vento humido soluça nos desfiladeiros.

Já passou da meia-noite. Pésa o silencio so-
bre os casarões de rotulas fechadas. Os animaes
se escondem nos adros das Igrejas. No pateo do
Palacio dos Capitães Generaes, os passos pesados
da sentinella.

Sob as pontes, escachoam as aguas. Um vulto
desce a ladeira escorregadiça. Outro vulto sóbe.

Saccam dos facões. Um salto. Um rugido.
Um tombo. Uma fuga.

Ao romper da manhã, as inquirições. E esta-
mos no seculo XVII.

Lá no alto, o morro da forca. Balouçam os enforcados ao vento humido e lugubre. Batem os sinos a defunctos. Tudo fala de tragedia. Devassas devastadoras. Ouvidores, meirinhos, desembargadores.

Cadeias de ferro e viagens para o Rio.

Relação da Bahia. Carceres de Lisbôa. Indias. Confiscos. Costa d'Africa. Mystérios.

Noites de Villa Rica! Historias de amôr e historias de ouro.

Galés em sepulchros de vivos. Gemidos de negros. Aventuras de Ali Babá. Roteiros de El Dourados. Façanhas de Monte Christo. Latrocinios, assassinios, violencias.

O pelourinho, o Senado da Camara, os Juizes do Povo, os Almotacéis, os Procuradores do Conselho, os Ouvidores, os Alferes, os Sargentos-móres, os "dragões"...

O Capitão-General!

O bruxo

O Aleijadinho é o feiticeiro das magias de pedra.

E' o Bruxo que sahiu das entranhas da Terra, para os sortilegios maravilhosos destas fachadas

de igrejas, destas illuminuras a cinzel, nas rochas dos pulpitos e nas faces dos altares.

Estas paizegens sevêras, este ar fechado de Villa Rica, estes desfiladeiros soturnos que são os caminhos para todas as cidades de redor, conformaram seu espirito á interpretação dos mysterios lithurgicos e deram-lhe a intuição profunda da arte barrôca.

A architectura barrôca, posta isoladamente em face das linhas grego-romanas, tem de ser tomada como expressão de decadencia. O mesmo acontecerá si a confrontarmos com a exuberancia dos pormenores das creações gothicas. Mas este criterio é erroneo. E' preciso comprehender o espirito que presidiu a cada uma destas expressões estheticas.

A igreja grego-romana é a synthese do christianismo inicial, mal sahindo das catacunhas, para adaptar-se aos templos pagãos.

A cathedral gothica traz o germen da Reforma. Através de suas rosaceas, percebe-se a presença de Luthero. Apesar de toda a sua riqueza, da magnificencia dos detalhes e esplendor do conjunto, suas altas abobadas, seus vitraes, suas ogivas, suas torres em setta, afastam o pensamento da Terra, suggerindo a abstração do sentido

complexo e numeroso de humanidade com que o "flos-sanctorum" enriqueceu o patrimonio mystico do christianismo.

O excesso de espiritualidade do templo medieval simplifica, primeiro, a symbolologia, expurgando o que foi julgado superfluo, para, em seguida, libertando o pensamento de todo o travejar de mythos, de todo o espolio de iconos, leval-o ás conclusões ultimas do livre-exame.

O barrôco italiano e seus congeneres trazem o genuino sentido lithurgico do catholicismo, procurando materializar o dogma na imagem e enriquecendo a architectura e a esculptura com os proprios motivos do rito romano.

Retendo a religião na Terra, imprimindo em suas formas exteriores esse caracter humano que possibilita ao povo a comprehensão schematica dos mysterios, a arte barrôca applica aos trabalhos na pedra os motivos caracteristicos e a propria geometria da indumentaria ecclesiastica. Por isso, a arte barrôca nos offerece muito viva a suggestão dos martyres, dos confesores, dos patriarchas, dos bispos, dos monges, das thiaras, das mitras, das estolas, dos pluviaes, essa fusão dos caracteres temporaes e espirituaes da Autoridade, com a inspiração tragica dos sacrificios e o amplo sentido

de universalidade. O barrôco é mais catholico do que o gothico, porque sendo mais grosseiro, é mais da terra; sendo mais objectivo, é mais realista; sendo quasi uma deturpação, é fallibilidade humana; sendo algo ingenuo, é mais candido; sendo tragico, por vezes grotesco, deixa de exprimir o extase, mas exprime melhor o sentido religioso da dôr.

E' sobretudo, este sentido da dôr que coincide com a alma tragica do Aleijadinho, animando o seu genio. O Aleijadinho é filho destas montanhas soturnas e soffre de uma enfermidade horrivel, incuravel, que o deforma. Elle tem a ansia de realizar a forma exterior, enquanto as formas do seu corpo se desfazem. E' preciso trabalhar, construir com ardor, para que a molestia, no seu corpo, não caminhe mais depressa do que elle, na sua arte.

Francisco Antonio Lisbôa é a alma destas seranias de ferro, ouro, mercurio, arsenico, enxofre, crystaes, pedras, preciosas, que surge com a força tellurica das Minas Geraes. Essa alma, temperada no ambiente de crimes, trahições, paixões, tragedias, violencias, assassinios, aguça as poderosas energias intuitivas. A atmosphera religiosa do scenario de frades e padres, de missas e te-deums,



A igreja de
S. Francisco de Assis

de procissões e actos funebres, completa a formação do artista. A sua doença horrível sublima o seu poder creador. E o magico de S. Francisco de Assis interpreta, nas obras monumentaes de Minas, a philosophia da arte barrôca.

Não quero falar das obras do Aleijadinho. Isto são meros apontamentos que tomei em presença dellas. Principalmente, diante da igreja de S. Francisco de Assis.

* * *

Os cherubins do Aleijadinho são gordos. Os santos do Aleijadinho são feios. Os cherubins são bem humanos, bem barrôcos. Os santos teem expressões dolorosas, de soffrimento.

Os dogmas talhados na pedra pelas mãos do Aleijadinho complicam ainda mais a nossa comprehensão. São mysterios mysteriosos.

Os conchaes, as vergonteas, as rosas, as floretas, as folhagens do Aleijadinho são primores de santa paciencia.

Por quasi todas as igrejas de Ouro Preto passou o genio do bruxo mineiro. O gnomio das montanhas, cuja existencia é uma pagina palpitante de humanidade ferida de aculeos infernaes e tocada de graça divina.

Morros e igrejas

O amontoado das casas disseminadas pelos morros. O atropelamento das ladeiras, galgando os morros. As aguas escancelando as gargantas dos morros. As igrejas plantadas nos morros.

As igrejas! Matriz do Pilar, São Francisco de Assis, Nossa Senhora do Rosario e de Santa Efigenia, São Francisco de Paula, Carmo, Conceição de Antonio Dias, São José, Mercês dos Perdões, Mercê de Ouro Preto, Bom Jesus de Mattozinhos; e as capellinhas dos tempos bandeirantes: São João Baptista, Nossa Senhora do Bom Fim, Senhor Bom Jesus, Santa Cruz das Almas, Sant'Anna, São Sebastião...

Sculo XVII

Cidades brasileiras do cyclo da catechése e da conquista. Capellinhas modestas, arraiaes de acampamento, com palissadas para a defesa contra o bugre. Cidades brasileiras do cyclo da mineração. Massas architectonicas de igrejas, casas

senhoriaes. As paredes e os muros não são mais de taipa ou páo a pique: são de pedra.

Ouro Preto é cidade deste segundo typo. Atravessou, com esse aspecto, todo o cyclo de formação das cidades do periodo agrario e pastoril. E chegou á época industrial, como o proprio seculo XVII que tivesse caminhado, intacto, perfeito.

Marilia

Quero vêr a casa de Marilia! Quero sentir a sombra suave de D. Maria Dorothea Joaquina de Seixas! A terceira janella da Casa Grande, onde ella esperava passasse o doutor ouvidor... O Senhor magistrado que ficou apaixonado por ella:

*"Mal vi o teu rosto,
meu sangue gelou-se,
e a lingua prendeu-se;
tremi e mudou-se
das faces a côr..."*

Estamos em 1782. Bem longe ainda das coisas tristes. Não se fala ainda em conspirações contra

a Rainha Nossa Senhora, nem os povos se alevantam a clamar contra a derrama, nem aguçam os seus olhos a policia secreta do Senhor Vice-Rey e do Senhor Governador.

Lá está o monumento de Tiradentes, no lugar onde sua cabeça foi exposta. Não quero saber nada disso. Quero saber de D. Dorothea Joaquina de Seixas e do Senhor Ouvidor apaixonado...

Pois não é essa a mais bella tradição de Ouro Preto? Não é a alma de Marilia que exprime, na sua candura e na sua fidelidade, a alma de todas as gerações de moças mineiras? E agora, neste seculo, em que os communistas affirmam ser o amor um dos mais ridiculos preconceitos burguezes, transformando as relações do homem e da mulher em puro instincto mecanico de sexos, então não cresce de valor este poema lyrico e tragico, ao qual faltou a penna de um Shakespeare?

Haverá balcões de Verona que se comparem a este scenario colonial de frontarias coloridas e rotulas em crivo? E esta paysagem? E estas montanhas? E estas igrejas? E estas arvores, estas fontes, estas flores?

A tarde vae cahindo. Tons violeta no céu. Fulgura o Itacolomy aos ultimos reflexos do dia.

Um suave frescor desce pelas encostas. O senhor doutor Thomaz Antonio Gonzaga passou o dia a despachar papeis. Acaba de fazer a refeição da tarde. Vae ao espelho. Compõe commeticulosidade a vasta cabelleira. Colloca na pasta os ultimos versos que escreveu, pois, á noite, virá visitá-lo o doutor Claudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, o Padre Carlos de Toledo, o intendente Monteiro Bandeira, o conego Luiz Vieira, para as tertulias literarias do costume. Toma, imponente, o seu bordão. Está impeccavel, desde os sapatos finos de lisboêta ás rendas que lhe emmolduram o busto. Desce as escadas. Na praça cumprimentam-no pessoas principaes da Villa. Pela ladeira, é objecto de attensões. Das gelosias muitos olhos o fitam, e cochichos se ouvem por detraz das rotulas. E' infallivel aquelle passeio. E todas sabem o itinerario do senhor ouvidor.

Brilha a primeira estrella. Um olhar, um cumprimento, um sorriso, e nada mais. Tudo tão rapido! Mas a noite se povôa das imagens do dia: um acenar de lenço, um vulto claro, que o ouvidor contempla da janella da casa apalacetada em que móra, o passeio da tarde, um sorriso...

Todos em Villa Rica sabem deste caso e falam delle. Dizem que o Dr. Claudio é o apadrinhador

dos namorados. E' elle quem leva os versos de Gonzaga a D. Dorothéa, a quem o poeta chama do-
cemente Marília.

Velhas comadres confabulam. O senhor ou-
vidor! Quem diria! Ha opposição na familia.
Duas tias de D. Dorothéa criam toda sorte de em-
baraços. Mas a tia Antonia Claudia, visinha do
ouvidor, facilita tudo. E isso dura nada menos
que seis annos! Em 1788 estão noivos. Chega 1789.
O casamento está marcado para 30 de Maio. No
dia 23, porém...

* * *

Não houve despedida. Alta noite, algemado,
sobre um cavallo. Longas estradas de Minas
Geraes... O calabouço da Ilha das Cobras. O
cubiculo da Ordem Terceira da Penitencia. O
navio "Nossa Senhora da Conceição, Princeza de
Portugal". Moçambique...

Dickens e Gonzaga

Ha em Londres um bar onde Dickens bebia
com os amigos. Foi adquirido o terreiro em fren-
te, para que se conservasse intacto, o quadro urba-

no que o romancista contemplava nas suas horas de gin.

Ha em Ouro Preto uma casa onde morou Gonzaga. Uma janella por onde elle contemplava Marilia, na casa grande, lá em baixo, no bairro de Antonio Dias.

Destruiram a casa grande, que já estava cahindo aos pedaços. Em frente á janella de Gonzaga edificaram um mercado de tijolos.

Fui á janella de Gonzaga, para vêr a casa de Marilia. Vi bancas de toucinho e saccos de feijão.

Pedí intimamente ao judeu bolchevista Elia Eremburg um riso de triumpho por esta preparação á obra sovietica.

Mas só pude esboçar um sorriso de melancholia.

Os seculos passam

Mas, eis que o sol fulgura, depois da chuva meúda que empoava a paizagem. Scintillam as vidraças nos caixilhos de guilhotina. Brilham as pedras nas calçadas. O Itacolomy rompeu as nuvens brancas e resplandece naquella attitude de

marcha que foi um eterno convite aos Bandeirantes audazes.

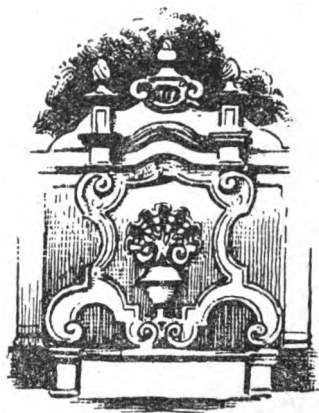
A Igreja do Rosario de Chico Rey estampa-se imponente no fundo verde-azul. E desfilam os seculos deante de mim.

A entrada dos sertanistas! Lá está a estrada dos Paulistas, ao longo do desfiladeiro...

As cátas! As minerações! A escravaria! O fastigio! Sessenta mil escravos para cinco mil senhores! Irmandades de pretos e irmandades de brancos. Chico Rey libertando-se, e libertando, e governando, e construindo o grande templo, com o ouro das minas de seu direito e posse. Urucungos africanos e atabaques tapuyos. Repiques de sinos e estridor de bacamartes. Procissões, rezas, longas "salve-rainhas", viaticos solemnes, missas cantadas, "tantum-ergo" com o esplendor das velas do altar-mór, congadas, cavalhadas, animaes de ferraduras de ouro, liteiras, cadeirinhas, arrecadas, louça da India e vinhos reinões, saias de velludo, chales de seda, cavalheiros tafues de chapéo de bico, frades e conegos, homens de ópa, farras, tambores, e — pelas ruas, pelas ladeiras, por entre as fachadas azues, amarellas, cinzas,

verdes, vermelhas, rosas, das casas de beira, de beira e sobrebeira, de eirados, de portões altos e soberbos, e chafarizes, e nichos, e pontes, — os seculos passando, passando...

E' Ouro Preto! E' o Brasil!



Indice

<i>Brasileiros, venham vêr nosso Brasil</i>	7
---	----------

O MAPPA DO BRASIL

Aspecto geral	13
Retrato dos rios e das montanhas	14
Orgulho nacional	15
O infinito	16
As imagens da Patria	16
Consciencia imperial	17
A alma de um Povo	18
Procurando o Brasil	20

A MINHA TERRA É LINDA	23
--	-----------

CANÇÃO DE MAIO	33
---------------------------------	-----------

O POEMA LYRICO DAS ESTRADAS DE FERRO

A marcha dos comboios	47
Europa e Brasil	48
Differenciações e unidade	50
Paizagem humana	50
Os fazendeiros	51
A historia de "Capim Guassú"	52
O delegado de policia	53
A escola primaria	54
Provincia	55
Meu Brasil	56

MARCHA BATIDA

Nossa linda Bandeira	59
Péo! Péo!	61

Explicações	61
Serviço Militar	62
Culto á Bandeira	63
Gloria ao "patrioteiro"	64
As muralhas provisórias	65
Missão objectiva da Bandeira	67

NOSSA TERRA

No palacio encantado	71
Fazenda paulista	72
Alma fluminense	73
Florestas capichabas	76
Bahia, velha Bahia!	77
O presepio mineiro	78
Cartographia	79
O tumulto paulista	80
Feitiçaria	80
Polis-cultura	82
Machinas e numeros	82

NA ZONA DOS SAMBAQUIS

Itariri	87
Prainha	88
Santo Antonio do Juquiá	88
Albergue romantico	89
A partida	90
Adeus! Gente de Xiririca	90
"K.K.K.K."	92
O homem prehistorico	93
Noite selvagem	94
Os aguapés	94
O rio que venceu o mar	95
A velha cidade	97
Mar Pequeno	99
A Ilha dos Mystérios sem mysterio	99

A ALMA DAS TRADIÇÕES

A folia	105
Folk-lore	106
Pompa imperial	107
Culto profano	107
A procissão	108
Modorra	110
Aves errantes	111

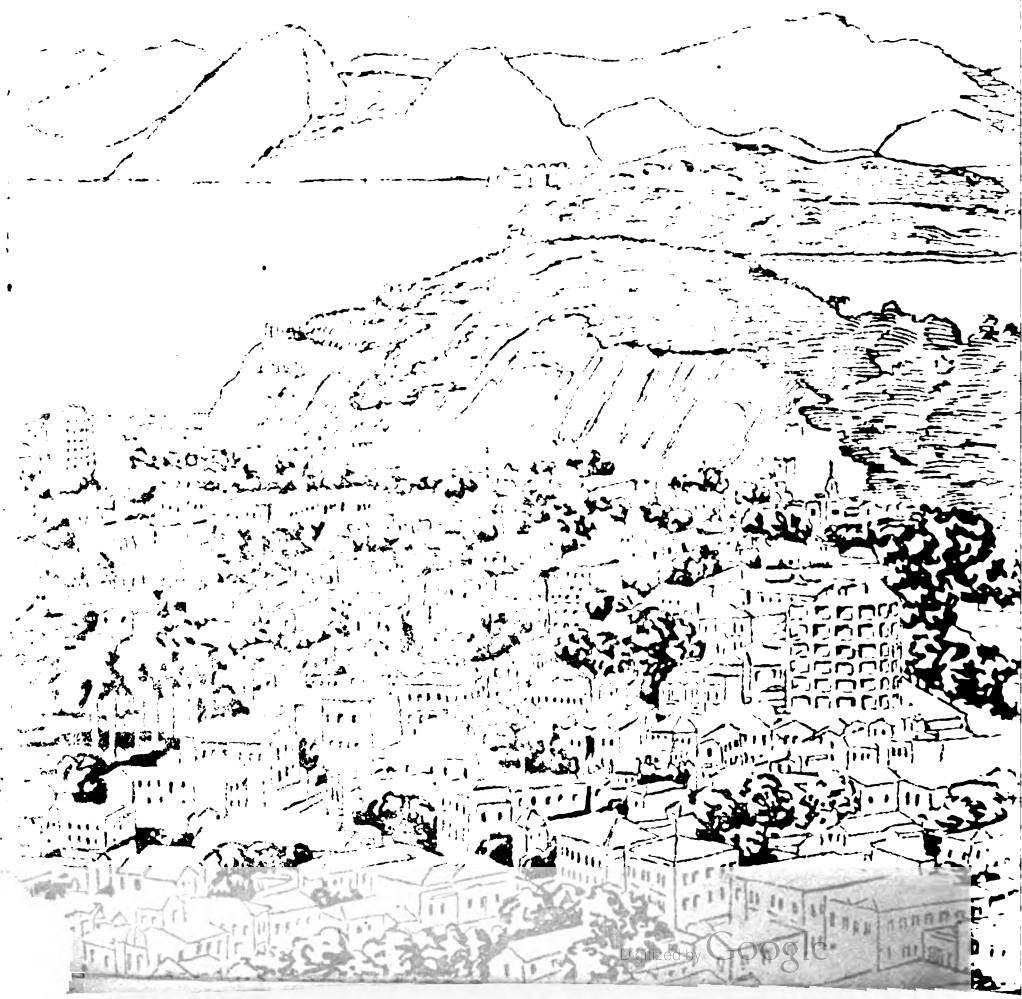
O RIO SAGRADO

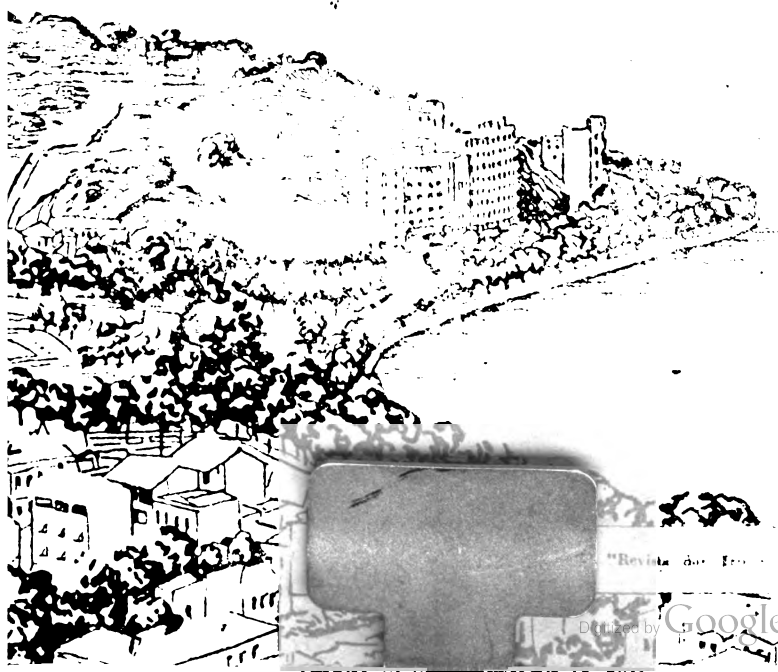
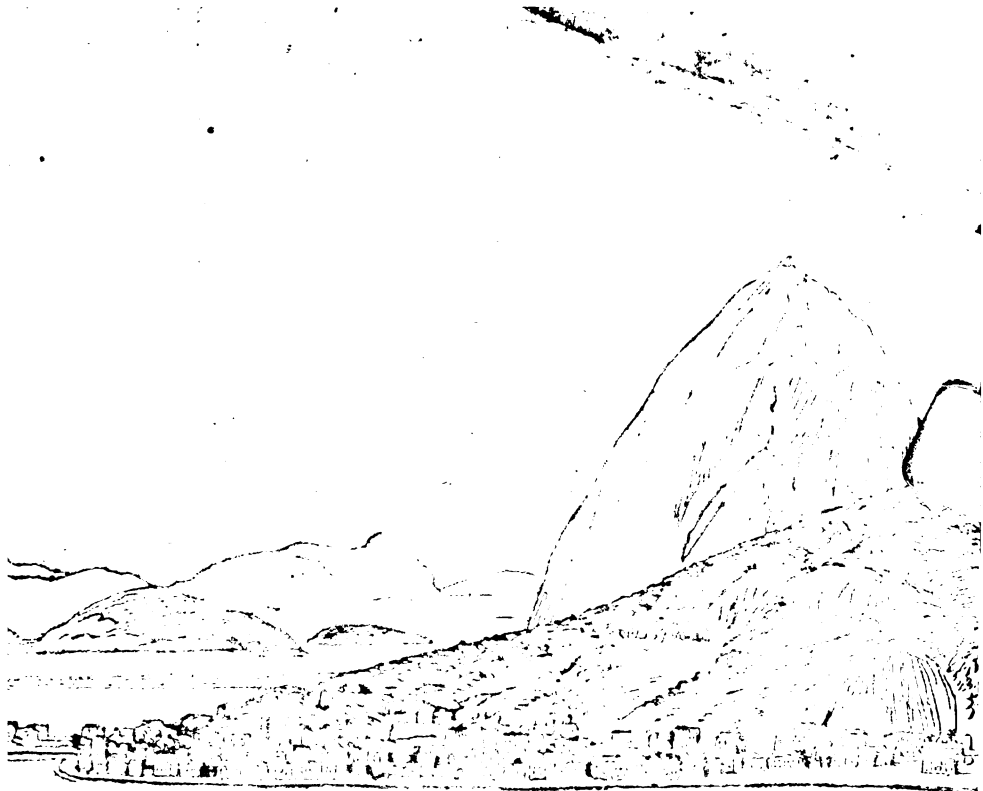
Sobre a cidade adormecida	118
Voando para o Norte	119
O sertão	122
Familiaridade	124
Potamographia	126
Dentro da noite	130

OURO PRETO

Kaleidoscopio	135
Cinderella	137
Na ponte setecentista	139
A Casa dos Contos	140
Cliché de madeira	141
O sr. Conde vae á missa	142
Historia da cidade queimada	144
Lanterna magica	148
O Bruxo	149
Morros e igrejas	155
Seculo XVII	155
Marilia	156
Dickens e Gonzaga	159
Os seculos passam	160

**Este trabalho foi composto e impresso
em S. Paulo, pela Empreza Graphica
da "Revista dos Tribunaes", á Rua Xa-
vier de Toledo, 72, para a Livraria José
Olympio Editora, Rio de Janeiro, no
mez de Junho de 1937.**





"Revista das Indústrias" - 1914

RL 6-

1020

